

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

RAFAEL FERNANDO RIBEIRO DA SILVA

**O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL NA MINHA VIDA**

Porto Alegre  
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

RAFAEL FERNANDO RIBEIRO DA SILVA

**O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL NA MINHA VIDA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

**Orientador: Cristiano Baldi**

Porto Alegre

2023

RAFAEL FERNANDO RIBEIRO DA SILVA

**O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL NA MINHA VIDA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Cristiano Ordovás Baldi

---

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

---

Prof. Dr. Arthur Beltrão Telló

Porto Alegre

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar aos membros de toda a minha família, que sempre me apoiaram nos momentos difíceis.

Agradeço ao professor Cristiano Baldi, por aceitar ser meu orientador.

Agradeço aos professores Janaína e Arthur, que se dispuseram a avaliar meu trabalho.

Agradeço ao meu irmão Daniel, por sempre ler meus textos e por compartilhar comigo a sua própria jornada do escritor.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a minha experiência de isolamento e ansiedade social. O trabalho está dividido em duas partes: uma teórica e outra criativa. A parte teórica é um ensaio pessoal intitulado “O impacto do isolamento social na minha vida”, onde abordo o impacto que o isolamento social e ansiedade social tiveram na minha vida logo no início da minha vida adulta. Relato também neste ensaio os princípios da minha vida como escritor, e em como a ansiedade social e o isolamento foram fatores decisivos para a minha decisão de escrever. As experiências que vou relatar no ensaio também foram importantes para aumentar o meu contato com as histórias em geral, sejam livros ou obras audiovisuais. Para embasamento teórico utilizei livros como o DSM-V e os livros da psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, que tratam de temas como ansiedade e depressão. O trabalho criativo é um conto intitulado Noites frias, que possui inspiração na novela Noites brancas de Dostoiévski, e trata de temas como ansiedade social e dependência química.

**Palavras-chave:** Ansiedade. Isolamento social. Ficção. Conto. Escrita Criativa.

## **ABSTRACT**

The present work aims to report my experience of isolation and social anxiety. The work is divided into two parts: a theoretical and a creative one. The theoretical part is a personal essay entitled "The impact of social isolation on my life", where I address the impact that social isolation and social anxiety had on my life right at the beginning of my adult life. I also report in this essay the beginnings of my life as a writer, and how social anxiety and isolation were decisive factors in my decision to write. The experiences that I will relate in the essay were also important to increase my contact with stories in general, whether books or audiovisual works. For theoretical basis I used books such as the DSM-V and the books by psychiatrist Ana Beatriz Barbosa Silva, which deal with topics such as anxiety and depression. The creative work is a short story entitled "Noites Frias", which is inspired by the novel "Noites Brancas" by Dostoevsky, and deals with topics such as social anxiety and chemical dependency.

**Keywords:** Anxiety. Social Isolation. Fiction. Short story. Creative Writing.

## SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2 ENSAIO: O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL NA MINHA VIDA .....	8
3 TEXTO CRIATIVO: <i>NOITES FRIAS</i> .....	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
REFERÊNCIAS .....	53

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Existem momentos e períodos que marcam a vida de uma pessoa, e deixam alguns rastros na sua história. O período sobre o qual vou escrever durou em torno de 18 meses, do começo de 2010 até aproximadamente agosto de 2011. Por 1 ano e meio vivi trancado em casa, e nesse período algumas transformações aconteceram na minha vida e na minha forma de interagir com o mundo e com as pessoas. A mais marcante dessas mudanças foi uma timidez patológica quando retornei para a vida social.

Este trabalho se divide em duas partes: um ensaio reflexivo, onde relato o impacto do isolamento e da ansiedade social em minha vida, e outra parte criativa, no qual escrevi um conto que pode ser o esboço de uma novela.

Admito que nunca fui uma pessoa muito extrovertida e expansiva, mas nunca tinha chegado ao ponto de ter medo de atividades sociais, ou até mesmo de fazer trabalhos em grupo. Depois do isolamento social prolongado, passei por episódios de ansiedade social, algo que eu jamais havia experimentado antes.

No entanto, a ansiedade social e a solidão fizeram com que eu me voltasse com mais intensidade para o que mais gosto no mundo: as histórias. Sempre gostei muito de filmes, livros, desenhos e quadrinhos japoneses, e acabei me identificando bastante com dezenas de personagens que viviam em situação parecida com a minha.

Esse envolvimento intenso com as histórias fez surgir dentro de mim um impulso ao qual não pude resistir: o de escrever. Foi nos períodos mais ansiosos, deprimidos e melancólicos que acabei por ceder ao instinto de escrever, primeiro na forma de diários, depois como relatos de sonhos. Por fim, cheguei ao ponto de criar as minhas próprias histórias.

Na parte criativa deste trabalho, escrevi um conto inspirado na novela "Noites Brancas", de Dostoiévski, meu escritor favorito. Apesar de a estrutura narrativa ser um pouco parecida, tomei a liberdade de tratar de temas como ansiedade social e dependência química ao longo da história, de forma que o resultado é bem diferente da novela russa que a inspirou.



## 2 ENSAIO: O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL NA MINHA VIDA

No ano em que completei 18 anos fiquei trancado em casa.

Pode parecer exagero afirmar que fiquei um ano em casa, mas na verdade o período específico que fiquei trancado foi de janeiro de 2010 até agosto de 2011, muito antes da pandemia de 2020. Quando voltei para a vida social em agosto de 2011, depois de entrar numa faculdade de design gráfico, percebi que algo estava diferente na minha forma de interagir com outras pessoas. Passei a ter crises de ansiedade, algo que eu nunca havia experimentado antes. O DSM-V: *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* descreve a ansiedade social como: “Medo ou ansiedade acentuados acerca de uma ou mais situações sociais em que o indivíduo é exposto a possível avaliação por outras pessoas. (DSM-V, 2014, p. 202).

Depois de ficar meses trancado em casa, percebi que não era mais capaz de manter conversas normais com outras pessoas sem sentir nervosismo e desconforto físico por medo de parecer ridículo aos olhos dos outros. Segundo o DMS-V (2014, p. 203):

Quando exposto a essas situações sociais, o indivíduo tem medo de ser avaliado negativamente. Ele tem preocupação de que será julgado como ansioso, débil, maluco, estúpido, enfadonho, amedrontado, sujo ou desagradável. O indivíduo teme agir ou aparecer de certa forma ou demonstrar sintomas de ansiedade, tais como ruborizar, tremer, transpirar, tropeçar nas palavras, que serão avaliados negativamente pelos demais.

O jeito que encontrei para fugir das avaliações dos outros e conter as crises de ansiedade foi me isolar quase por completo na minha vida acadêmica, o que me levou a experimentar uma sensação de solidão como eu nunca havia sentido antes. Nos intervalos das aulas eu ia para a biblioteca para gastar tempo, ou simplesmente ia para um dos banheiros da universidade e me sentava no vaso, colocava as mãos na cabeça e me perguntava o que estava errado comigo. O meu transtorno de ansiedade social (TAS) apenas piorava cada vez mais com o passar dos meses. Para Ana Beatriz Barbosa Silva (2017, p.139):

O portador de TAS, fobia social ou timidez patológica, costuma se isolar e sofrer de uma profunda sensação de solidão. Ele julga ser o único culpado por seus problemas, que se tornam incompreensíveis para os outros.

O tempo trancado em casa havia alterado completamente a minha forma de viver em sociedade. Anos mais tarde, quando procurei um psicólogo, eu viria a descobrir que tinha transtorno de ansiedade social e depressão. Mas naquele momento eu não entendia o que estava acontecendo comigo, e encarava aqueles problemas como fracassos pessoais dos quais eu nunca poderia me recuperar.

Acredito que os motivos principais que me levaram ao isolamento social por tanto tempo foram a insegurança em relação ao futuro e ao medo de fracassar. Me lembro de me sentir inseguro em relação a qualquer menção ao futuro, fosse no trabalho, numa faculdade ou nas relações pessoais. Segundo o DSM-V (2014, p.203): “O medo, ansiedade, ou esquiva causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo”. Para Ana Beatriz Barbosa (2017, p.140):

Pode-se observar, portanto, que o transtorno de ansiedade social costuma causar grandes prejuízos na vida profissional, escolar, social e afetiva das pessoas. Algumas delas até conseguem ir a uma festa ou mesmo fazer novos amigos, mas apresentam ansiedade extrema para falar, comer ou escrever na frente de alguém. Outras, porém, chegam a evitar toda e qualquer situação social; o sofrimento é grande. Não importa em qual situação o indivíduo fica ansioso demais, mas sim a forma, a intensidade e a quantidade com que o medo afeta sua vida.

Ou seja, o medo frequente fez com que eu me isolasse cada vez mais. Eu evitava todas as responsabilidades que poderiam ocasionar uma cobrança por parte da minha família ou da sociedade.

Naquele período eu evitei os estudos, o trabalho, e qualquer atividade que me faria interagir com outras pessoas. Atividades sociais simples como almoços, festas e jantares passaram a ser vistos por mim como eventos possíveis para me expor para os outros, e comecei a evitar até mesmo encontros familiares.

Quando não tinha como evitar, eu ia nos lugares e tinha com as pessoas as conversas mais banais e sem profundidade que eu podia pensar, tudo para fugir das

questões sobre o meu progresso na vida. Eu estava estagnado e não queria que ninguém soubesse. Nesses encontros, assim como na faculdade, eu ia dezenas de vezes ao banheiro apenas para fugir das pessoas.

Eu havia concluído o ensino médio sem ter reprovado nenhuma vez, e me sentia inteligente e capaz de fazer muitas coisas. Era jovem, e achava que teria todo o tempo do mundo para fazer tudo o que quisesse. A minha família percebia que havia algo de errado comigo, mas não ia a fundo nos questionamentos, e eu fugia o máximo que podia de qualquer conversa séria acerca do assunto.

Lembro de ter na minha mente a imagem fixa do futuro em que tudo seria melhor, mas não me esforçava para fazer nada de concreto. Tinha a esperança de que as coisas seriam melhores, mas não conseguia sair da minha estagnação e nem dar um único passo na direção da melhoria. O tempo passava e eu não mudava, e ao longo dos anos eu tive a sensação de estar ficando para trás na vida. A repetição de hábitos antigos se tornou uma estratégia para fugir de qualquer coisa nova. Para Ana Beatriz Barbosa (2017, p.132):

Os tímidos agem de forma relativamente constante com o intuito de evitar as novidades e as incertezas do cotidiano. Como em uma luta, criam uma tática de fuga ou evasão para se sentirem mais seguros. No entanto, essa mesma segurança acaba limitando muito as possibilidades de experiências de vida, contribuindo para alimentar ainda mais a engrenagem da timidez.

O sentimento que mais me assolava naquele período era a insegurança e o medo. Para fugir das duas coisas, passei a buscar prazeres imediatos para me sentir melhor. Não precisei buscar tão longe para encontrar os tais prazeres, pois hoje em dia a tecnologia pode nos proporcionar prazeres instantâneos de forma rápida e sem muito esforço. Basta alguns cliques e todo um universo de prazeres pode surgir a partir de uma tela, seja ela uma tela de computador ou de um celular. Contudo, no longo prazo os resultados do uso excessivo da tecnologia podem ser catastróficos:

Como qualquer droga, o uso da internet, das redes sociais e de jogos eletrônicos serve, para muitos, como alívio imediato ou válvula de escape e fuga da realidade, de seus sentimentos ou pensamentos. No entanto, em longo prazo, além de causar efeitos prejudiciais para o organismo, não ajudam de

forma construtiva no enfrentamento das dificuldades inerentes à vida.  
(BARBOSA SILVA, 2017, p.124)

A minha rotina toda girava praticamente em torno desses três hábitos: jogos de computador ou videogame, redes sociais e pornografia. Fiquei viciado nas três coisas ao mesmo tempo. O resultado foi um sentimento de indiferença em relação a qualquer coisa que não fosse um desses três hábitos, e eu os repetia diariamente de forma compulsiva.

Lembro que o meu dia começava com alguma dessas três coisas, ou todas ao mesmo tempo logo nas primeiras horas da manhã. Eu acordava e ligava o computador onde iria acessar o Orkut e assistir a filmes pornográficos. Passava horas por dia em grupos no Orkut que tinham temas variados como cinema, desenhos japoneses, música, futebol, etc.

Me lembro de gastar horas do meu dia conversando com pessoas de várias partes do Brasil e do mundo sobre os melhores animes do ano, ou quais filmes clássicos uma pessoa devia assistir para se considerar um cinéfilo. Eu até comia conversando no Orkut, passava horas do meu dia com pessoas estranhas que eu jamais iria conhecer fora do mundo virtual. Além disso, fazia maratonas de jogos de computador e de Playstation 2.

A procrastinação virou naquela época uma parte da minha personalidade. O meu estado “normal” era um estado de tristeza, apatia, e mau humor. Eu não me organizava com nada, apenas ficava horas intermináveis repetindo esses três hábitos, e assistindo filmes, animes, comendo e dormindo. De 67 quilos passei para 86, sendo a impulsividade alimentar outro hábito que adquiri por causa da ansiedade excessiva. Quando entrei na faculdade de design gráfico, um dos motivos que me deixou com vergonha de interagir com as pessoas foi a insegurança com a minha aparência devido ao sobrepeso.

Voltar para a vida em sociedade infelizmente não serviu para diminuir meus vícios, ou seja, eu ia para a faculdade e continuava a desregular a dopamina do meu cérebro com os jogos, as redes sociais e a pornografia. Conseguia todo o prazer que meu cérebro queria apenas em casa, de forma que as recompensas que poderia buscar lá fora me pareciam desnecessárias.

Eu passava na faculdade me esforçando o mínimo, e conseguir notas positivas no final do semestre me dava a ilusão de estar progredindo, quando na verdade eu nem

ao menos retinha o conhecimento que havia aprendido poucos meses antes. Ao invés de me esforçar mais para reter o conhecimento ou aprender coisas novas, apenas tentei fugir mais ainda da realidade.

Uma das fugas da realidade que encontrei foi o mundo das histórias. Sempre amei filmes, livros e desenhos japoneses, e buscava encontrar nas histórias alguma forma de sair daquela situação, pois tinha vergonha de ir ao psicólogo ou psiquiatra. Posso dizer que virei um viciado em histórias desde então.

Claro que as histórias que traziam soluções eram sempre histórias de personagens que saem de suas conchas e enfrentam o mundo, mas essas eu buscava evitar. Ao invés disso, buscava as histórias mais tristes e com finais negativos, por achar que aquela negatividade era uma representação fiel da realidade, ao passo que histórias com finais felizes me pareciam sempre falsas.

As músicas que eu costumava ouvir também eram tristes, já que eu pensava que era preferível alimentar a minha tristeza por viver daquele jeito do que buscar algo que realmente me fizesse mudar.

Acabei por me identificar muito com personagens com problemas parecidos com os meus, como os personagens de Asano Inio ou Satou Tatsuhiro, protagonista do mangá Bem Vindo à NHK, um quadrinho que retrata os problemas dos Hikikomoris, os japoneses que se trancam por vários meses, até anos em casa, situação parecida com a qual passei.

Os Hikikomori são pessoas jovens, geralmente homens. São muitos os desenhos, quadrinhos e filmes japoneses com personagens Hikikomori, e passei a me enxergar como um, por viver de maneira parecida. Viver quase dois anos em casa teve um impacto considerável quando voltei para a vida social. Não ser capaz de interagir socialmente me causava um sofrimento enorme.

No entanto, esse sofrimento e a sensação de solidão me deram impulso para fazer algo que jamais havia pensado em fazer antes: escrever.

Minhas primeiras páginas foram escritas nos cadernos das aulas da faculdade de design gráfico. Eu me sentava geralmente na última classe, perto da janela, e escrevia enquanto olhava para a janela e para o horizonte. Escrevia quando queria sair correndo das aulas, minhas pernas chegavam a tremer por causa da ansiedade, mas eu conseguia me acalmar enquanto escrevia.

Por várias vezes eu apenas escrevia sobre como não queria estar ali, naquele lugar, assistindo àquelas aulas, e fazia verdadeiras sessões de desabafo sobre a

minha própria situação. Quando alguém olhava para mim eu sentia uma espécie de terror, pois ninguém poderia achar normal uma pessoa que nunca falava e apenas se encolhia no canto e ficava com a cabeça baixa, escrevendo no caderno.

Quando tentava conter o impulso de escrever, ficava mais nervoso que o normal e precisava até sair da sala de aula. Em dezenas de ocasiões eu saí da faculdade sem assistir nem metade das aulas. Mas na maioria das vezes eu ficava até o fim, e o resultado eram de 3 a 5 páginas escritas com lápis ou caneta, e meu pulso direito doendo de tanto escrever.

Na maior parte do tempo eu apenas escrevia qualquer coisa que viesse na minha cabeça: pensamentos, julgamentos sobre a minha situação, relatos sobre algo interessante que havia acontecido naquele dia ou naquela semana, qualquer *insight* aleatório sobre filmes, livros ou qualquer história que eu tinha entrado em contato naquele período.

Antes que pudesse perceber, as páginas dos meus cadernos estavam tomadas por aquilo que considero meus primeiros diários. A maioria absoluta das páginas dos meus cadernos começou a ficar tomada por meus escritos, e a parte destinada ao conteúdo das aulas era mínimo. Na maioria dos semestres eu passava com ótimas notas, e admito que hoje não consigo entender como.

Além dos meus escritos, outra coisa que não conseguia deixar de fazer era desenhar. Eu desenho desde criança, por influência da minha avó materna e do meu amor por desenhos japoneses, e por mais que tenha havido algumas pausas ao longo dos anos, esse hábito está presente de forma marcante na minha vida até hoje. Meus cadernos também tinham páginas inteiras com desenhos: cabeças, olhos, bocas, treinos anatômicos, centenas de hachuras, elementos da natureza etc.

A faculdade de design gráfico tinha algumas aulas de desenho, por isso ocupei dezenas de páginas com “aulas de reforço” das lições de desenho que havia tido na semana. O desenho e a escrita passaram a ser ferramentas fundamentais para o meu bem-estar psicológico, e eu fazia as duas coisas frequentemente, tanto nos piores dias de ansiedade quanto nos dias mais tranquilos. Na maioria das vezes apenas escrevia frases aleatórias e fazia rabiscos.

Eu sabia que o desenho não seria finalizado ou detalhado, mas aqueles rabiscos aleatórios já serviam para combater a ansiedade e para alimentar a minha paixão pelo hábito de desenhar. Eu tentava copiar meus artistas favoritos, e claro que nesse aspecto os artistas de quadrinhos e desenhos japoneses tinham a minha preferência.

Os desenhos que fiz enquanto escutava músicas de anime foram como verdadeiras sessões de terapia por vários anos. Era umas das únicas coisas que me acalmava, além das histórias.

Com o passar do tempo, também comecei a escrever fora dos períodos das aulas, em folhas de ofício ou pautadas. No ano de 2012 comecei a escrever as minhas primeiras páginas no google docs, na forma de diários e registros dos sonhos que tinha. O desenho e a escrita alimentaram mais ainda o meu amor pelas narrativas. Esse “vício” em histórias foi fundamental na minha decisão de me tornar um escritor para valer.

Contudo, mesmo com a ajuda da escrita e do desenho para me sentir bem, a minha situação de vida piorou ao invés de melhorar. Em 2014, o meu estado interior era tão triste e desanimador que fiquei desesperado após perder a bolsa de estudos da faculdade. Depois de seis semestres passando com ótimas notas, o meu psicológico finalmente afetou o meu rendimento acadêmico.

A minha saúde mental estava pior que nunca, cheguei ao ponto de dormir até 14 horas por dia por causa da Hipersonia. Estava com quase 90kg, um peso muito elevado para a minha altura. Não conseguia me focar para fazer nada produtivo. O meu estado de consciência era tão frágil e fugaz que o mundo dos meus sonhos parecia tão real quanto a própria realidade, e eu preferia dormir e sonhar sonhos malucos e perturbadores a enfrentar a vida real.

Mas no meio de todo aquele desespero, não parei de desenhar e nem de escrever. A primeira metade de 2014 foi um dos períodos mais ativos que já tive como escritor, pois além de escrever muitas páginas de diários em cadernos e no google docs, eu tinha muitos sonhos realistas, e os registrava da melhor maneira possível, às vezes chegava a escrever quatro páginas com os sonhos de uma noite. Também foi um período em que desenhei bastante, e posso dizer que naquele momento, desenhar e escrever enquanto escutava música foi o que me manteve vivo e respirando

Depois de tanto tempo fugindo dos meus problemas, eu havia chegado em um momento decisivo: eu não aguentava mais viver uma vida em que me sentia desanimado na maior parte do tempo, uma vida onde qualquer problema já parecia o fim do mundo. Senti que não podia mais ficar parado, que precisava fazer algo.

Falei com a minha família e fui a um psicólogo por algumas sessões. Levando em conta o que estava acontecendo comigo naquele período, ele me disse que eu estava

com sintomas de depressão. Infelizmente, ansiedade e depressão caminham juntas em muitos casos. Segundo Ana Beatriz Barbosa (2016, p.155-6):

Além de ser comum pacientes apresentarem mais de um transtorno mental, a relação dos transtornos de ansiedade com a depressão pode ser de causa e consequência. Ou seja, no longo prazo (em média, dois anos), os transtornos de ansiedade podem literalmente causar depressão se não forem tratados adequadamente.

Após algumas semanas, meu psicólogo foi viajar e eu parei de ir às sessões. Ele recomendou que eu fosse a um psiquiatra, mas acabei não indo. Nessa época eu passava algumas horas por dia pesquisando e assistindo a vídeos sobre depressão e ansiedade. Alguns especialistas recomendavam uma rotina regrada e disciplinada como solução para alguns transtornos de humor como depressão e ansiedade. Passei a buscar vídeos e sites que falavam sobre os benefícios de atividades físicas, mudanças na alimentação, e até mesmo sobre como tomar sol por alguns minutos do dia pode melhorar a disposição física e o humor.

Resolvi topar o desafio para ver o que acontecia. Comecei a acordar às sete horas da manhã para varrer o pátio da minha casa, que é enorme. O terreno onde moro tem quase 100 metros de fundo e possui dezenas de árvores. Sentir os raios de sol batendo no meu rosto ao passar por entre as folhas das árvores é uma das sensações mais maravilhosas que já senti, e sinto até hoje. Comecei a ter sempre por perto uma garrafinha de água para me hidratar, pois nos dias quentes eu ficava suado apenas por varrer ou caminhar no sol.

Além disso, ao invés de ligar o computador, nas primeiras horas da manhã eu passei a fazer várias tarefas domésticas. Me levantar cedo todas as manhãs foi muito difícil e penoso, e eu tinha uma vontade enorme de me deitar ao longo do dia, já que o meu corpo estava acostumado a dormir pelo menos doze horas por dia. Passei a caminhar com meu avô e meu irmão, e jogava futebol pelo menos uma vez por semana. Abracei com vontade qualquer tarefa que me mantivesse longe da cama.

Me lembro de pensar na época que estava travando uma guerra mundial por dia dentro da minha cabeça, apenas para levantar e executar hábitos simples como varrer, caminhar no sol, cozinhar e passear com o cachorro. Com o passar do tempo a minha confiança para realizar aqueles hábitos aumentava, mas ainda assim foram



dias difíceis. Em alguns momentos queria parar com tudo, mas continuei seguindo em frente, executando os mesmos hábitos nos mesmos horários, por várias semanas.

Eu continuei escrevendo nesse período, colocava no papel e no computador tudo o que sentia, e como aqueles novos hábitos estavam mudando a minha vida pouco a pouco. Percebi que o tom dos meus diários estava mais animado e menos melancólico. Encarei essa simples mudança no tom do que escrevia como algo extremamente positivo.

Nos dias ruins, passei a voltar para ler meus pensamentos positivos de dias anteriores, e aquilo me deixava mais animado e mais disposto para seguir em frente. Continuei registrando meus sonhos, apesar de dormir menos horas, o que afetou drasticamente a frequência com que tinha sonhos realistas dos quais pudesse me lembrar. O hábito de escrever continuou sendo essencial na minha vida.

Por incrível que pareça, a disciplina na hora de acordar e dormir, tomar sol pela manhã e fazer atividades físicas 3 ou 4 vezes por semana surtiram um efeito renovador na minha vida, e senti uma melhora significativa na minha saúde em poucos meses. Passei a não jogar mais, mudei a senha das minhas redes sociais e copieei as senhas novas em um arquivo que deletei logo depois. Às vezes a minha disciplina falhava, mas o sucesso na maioria dos dias começou a surtir mais efeito do que as pequenas falhas esporádicas.

Minha família por parte de pai tem histórico de depressão, e tive medo de também ter esse problema para sempre, mas não foi o caso. Eu consegui emagrecer, me sentia mais disposto ao longo dia e não tinha mais tanta dificuldade nos hábitos que pouco tempo antes pareciam quase impossíveis de ser realizados. Ao invés de me desesperar nos dias ruins, passei a entendê-los como inevitáveis, pois é impossível ter apenas dias bons. Esse entendimento me ajudou a suportar momentos difíceis com muito mais ânimo e disposição.

E a ansiedade social, como ficou?

Com a prática de exercícios físicos, rotina e alimentação mais regrada, as crises de ansiedade em público passaram a se tornar menos frequentes, até o ponto de quase desaparecerem. No entanto, continuei tendo algumas dificuldades nas interações com outras pessoas. Mesmo não tendo crises, acabei me tornando quieto e introspectivo nos ambientes sociais.

Adquirit o hábito de não falar muito, e até carregava um caderninho no bolso com uma caneta, para anotar ideias para escrever, ou simplesmente para fazer o registro

das minhas reflexões ao longo do dia, no ônibus, na rua, na faculdade ou no trabalho. Algumas dessas ideias se tornaram histórias, pois naquela época, por volta de 2015, eu passei a produzir pequenas cenas cotidianas e aleatórias, meus primeiros contos e minicontos.

A minha postura em público passou a ser não mais a de medo, mas a de aceitação de que a minha personalidade não era expansiva, e nem precisava ser. Aceitar que não preciso me forçar a ser quem não sou em público apenas para me enturmar, foi fundamental na superação da minha ansiedade. Segundo Ana Beatriz Barbosa e Silva (2017, p.134):

Os introvertidos se sentem bem, e até mesmo revigorados, com a solidão voluntária e não apresentam qualquer ansiedade ou necessidade de aprovação quando estão na companhia dos outros. A inibição, os pensamentos de derrota e a ansiedade sobre o desempenho, tão frequentes nos tímidos, não ocorrem com os introvertidos.

Ou seja, da inclinação tímida e ansiosa, passei a uma inclinação introvertida, nos termos de Ana Beatriz Barbosa e Silva (2017). Algumas pessoas me aceitavam e outras seguiam suas vidas, e estava tudo bem. A princípio as pessoas achavam estranho o meu hábito de escrever e desenhar no caderninho, mas depois que eu explicava que queria ser escritor e desenhista, elas aceitavam numa boa.

Parei de ter medo de ser julgado e de pensar que as pessoas deviam dar sinais evidentes de que estavam contentes com a minha presença. O hábito de falar menos e escutar mais me ajudou a observar melhor as pessoas, e isso é uma característica minha que utilizo ao escrever as minhas histórias.

No fim das contas, a ansiedade e a depressão, que foram experiências muito dolorosas e difíceis, serviram para moldar quem eu sou hoje, e foram fundamentais para me fazer tomar a decisão de fazer as duas coisas que mais amo: desenhar e escrever. Ao invés de me afastar do caminho que quero seguir, as duas condições na verdade me aproximaram do meu objetivo. Como diz Christopher Vogler (2015, p.450-1), em seu livro *A jornada do escritor*:

Continue até o próximo estágio da vida. Não tente voltar, não se permita ficar paralisado ou entrar em pânico, apenas continue. Confie que seus instintos são bons e naturais e que levarão você a um lugar mais feliz, mais seguro.

Isso significa que, quando se perder e estiver em confusão, pode confiar na jornada que escolheu – ou que escolheu você. Significa que outros já fizeram a jornada antes de você, a jornada do escritor, a jornada do contador de histórias. Você não é o(a) primeiro(a), nem será o(a) último(a). Sua experiência com ela é única, seu ponto de vista tem valor, mas você também é parte de algo, de uma longa tradição que remonta aos primórdios de nossa raça. A jornada tem sua sabedoria, a história conhece o caminho. Confie na jornada. Confie na história. Confie no caminho.

Apesar do que passei, aprendi a continuar seguindo em frente. Aqueles anos difíceis foram etapas importantes no meu caminho como pessoa e como artista. Hoje em dia eu vivo, desenho e escrevo com cada vez mais confiança, e quando me deparo com algum problema, seja ele psicológico ou pessoal, eu apenas o encaro como mais uma etapa do caminho a ser seguido, o caminho que escolhi: o caminho do escritor.

### 3 NOITES FRIAS

#### 1. Noites Frias

Era uma noite fria de junho. O céu estava limpo e claro, sem nenhuma nuvem. Aqui e ali era possível ver no chão uma poça de água da chuva que caiu até o fim da tarde, eu desviava das poças para não molhar o meu tênis. O centro estava silencioso, e além de mim não tinha quase mais ninguém na rua, só um velho andando devagar do outro lado da calçada e um grupo de quatro jovens que devia estar saindo de alguma aula. Eles pisavam nas poças e não se preocupavam em se molhar, e quando passei por eles um pouco de água respingou no meu tênis e na minha calça jeans. A única menina do grupo ainda se virou para me dar desculpas, mas com uma risada tão alta que não sei se foi um pedido de desculpas ou um deboche. Passei a mão na minha sacola com bolachas, salgadinhos e cup noodles e vi que também estava um pouco úmida e com algumas gotas. De qualquer maneira, segui meu caminho.

Para chegar no prédio onde morava eu passava pelo meio da praça central. Atravessei a rua e resolvi dar a volta na praça ao invés de ir pelo meio, para evitar as poças e o barro. Aquele lugar no geral é tranquilo e não tem assaltos, só um ou outro morador de rua aparecia ali para dormir de vez em quando. Dei uma espiada rápida e vi que não tinha ninguém. Acelerei o meu passo e, quando estava prestes a ir para o outro lado da rua, ouvi uma voz. Olhei em volta e não vi ninguém. Esperei alguns segundos para ver se era engano mesmo para logo seguir o meu caminho. Ouvi de novo, a mesma voz baixinha.

Dei alguns passos em direção à praça e o som foi ficando mais alto. Então percebi que o que ouvi não era só uma voz, era um som de choro. Alguém estava chorando, mas eu não conseguia saber quem era e nem onde estava. A minha visão no escuro é ruim, então tentei procurar a origem do choro pela audição. Fui chegando perto dos bancos e vi que não tinha ninguém sentado em nenhum deles. Caminhando no escuro não percebi que estava pisando numa poça. Meu pé ficou encharcado, e me aproximei mais de uma escada de pedra que tinha no lado oposto da praça. O choro vinha dali. Me aproximei da escada e vi que não tinha ninguém sentado nos seus degraus. O som dos soluços abafados ficou mais alto, e quando olhei para a parede lateral da escada, vi que ali tinha uma mulher sentada no chão úmido, com o rosto nos joelhos e as mãos na cabeça.

— Moça, você tá legal? — perguntei, me aproximando. Ela levou um susto e levantou a cabeça. Se pôs de pé num pulo e começou a caminhar rápido para sair da praça pelo lado oposto. Mas não correu.

— Olha só, eu não quero te fazer mal. — Eu disse, caminhando atrás dela. — Só quero saber se você tá legal, não queria te incomodar.

— Que diferença faz? — ela respondeu ríspida, e se virou rápido, coçando o nariz. — Se estou bem ou mal, ninguém liga, tanto faz. Eu vou me embora, tchau.

Ela se virou e caminhou alguns passos. Então virou num movimento ágil e caminhou na minha direção.

— Olha só moço, você não tem algo para comer nessa sua sacola? — ela disse com a voz doce. — Eu estou morrendo de fome, desculpa por ter sido grossa com você.

Ela ficou parada me observando, esperando a minha resposta.

— Bom, eu tenho sim. — Respondi. — Mas é só porcaria.

— Para mim qualquer coisa tá ótimo. — Ela respondeu com a voz suave.

Achei estranha aquela mudança repentina de comportamento, mas não tinha motivo para desconfiar de uma mulher jovem chorando numa praça, talvez estivesse com fome mesmo. Ela se sentou num dos bancos sem se preocupar se estava molhado ou não. Quando vi que não ia me sentar, ela usou a manga do moletom e secou o banco e deu três batidinhas no lugar ao lado dela, indicando para que eu me sentasse. Me sentei meio sem jeito e botei a mão na sacola.

— Bom, aqui tem bolacha e salgadinho, e um refri. É a minha janta de hoje e o café de amanhã. Só o cup noodles que não dá pra fazer.

— Posso dar uma olhada? — ela perguntou, e coçou o nariz.

Acenei positivamente com a cabeça e entreguei a sacola para ela. Ela abriu a sacola e ficou observando lá dentro, como se quisesse ponderar sobre o que ia comer ou não.

Então ela se levantou num movimento ágil e saiu correndo com a sacola na mão.

— Ei! — gritei e dei dois passos, mas não cheguei a correr.

Ela continuou correndo. Então escorregou na parte molhada da pedra da praça e deu de costas no chão. A queda foi feia, deu para ouvir o som de algum osso batendo na pedra. Ela ficou um bom tempo no chão, no meio da uma poça rasa, gemendo de dor. Eu me sentei de novo no banco, pois vi que ela não ia a nenhum lugar. Ela gemeu por um tempo e depois se levantou com movimentos lentos, soltando “ais” para cada mínimo movimento que seu corpo fazia. Ela pegou a sacola e voltou com passos lentos para onde eu estava. Me entregou a sacola e se sentou ao meu lado, no banco. Estava encharcada.

— Me desculpa por isso. — ela disse de cabeça baixa.

Eu dei de ombros e abri a sacola. Peguei o salgadinho e abri. Ofereci a ela. Ela estava passando a mão no cotovelo esquerdo, o mais afetado pela queda. Hesitou por alguns instantes antes de meter a mão no pacote e pegar um monte de salgadinhos. Juntou as duas mãos e comeu com fúria. Reparei que seu cabelo era escuro e que era muito jovem. Ofereci mais salgadinhos a ela, e ela me agradeceu juntando as mãos como numa oração.

Ela pegou um monte de salgadinhos, meteu na boca...e começou a chorar de novo. Reparei que ela tinha um jeito de chorar como se tentasse abafar os soluços e impedir qualquer resquício de voz de sair. Ela tapou a boca com a mão esquerda e deixou a mão direita relaxar no banco, cheia de salgadinhos. Chorou por algum tempo, até ter condições de falar de novo.

— Sabe o que é moço? A minha mãe me correu de casa, é isso. Por isso estou aqui sozinha. — Ela disse, sem se virar para mim.

— Correu de casa? E você não tem lugar para ir? — perguntei.

— Bom, ter eu até tenho. — Ela respondeu, e coçou o nariz. — Não é um lugar muito bom, mas é o único que eu tenho.

— Ora, qualquer lugar é melhor que lugar nenhum. Você ia dormir aqui, no frio e na umidade?

— Não. — ela respondeu. — Eu estava indo para lá, mas vim chorando o caminho todo, e quando vi a praça pensei em me sentar num dos bancos para descansar um pouco. Mas vi que estavam todos molhados, e me sentei ali mesmo, na sombra da escada. Só quando me abaixei fui ver que ali estava ainda mais úmido que nos bancos, mas fiquei chorando sem me levantar. Quando você me encontrou eu estava há menos de cinco minutos na praça. Fui expulsa de casa há algumas horas.

— Como assim foi expulsa? O que você fez de tão terrível para sua mãe te correr de casa?

Ela abaixou a cabeça e demorou para responder. Eu tive uma noção do que podia ser, mas não falei nada. Abri o pacote de bolachas e ofereci a ela. Ela fez de novo o mesmo gesto de juntar as mãos e pegou três bolachas.

— Sabe o que é? Eu sou usuária... eu uso drogas, entende? — ela disse, com a voz baixinha. Coçou o nariz de novo com as costas da mão esquerda.

Foi exatamente o que eu havia pensado. Caminhando pela cidade ela não foi a primeira que vi nessa situação. Eu os via em vários lugares, mas principalmente em locais com movimento, como paradas de ônibus ou entradas de shoppings e mercados, pedindo dinheiro. Continuei comendo as bolachas sem dizer nada.

— Foi hoje, mais cedo, quando voltei da rua. A minha mãe já tinha dado o ultimato, mas eu não ouvi, não mudei, continuei a mesma. Hoje ela me disse: eu te amo mais do que tudo, mas aqui você não entra, eu não aguento mais. Ou você vai agora mesmo para uma clínica ou vai para a rua. Eu implorei para ela para dormir pelo menos até amanhã de manhã, aí eu acordava cedinho e ia pra clínica. A mesma desculpa que eu já tinha dado antes e não cumpria. Ela falou comigo na porta do condomínio, já tinha deixado recado para o porteiro não me deixar entrar. Ela desceu, falou comigo...e começou a chorar. Meu Deus, como chorava. A dor que eu senti vendo ela chorar foi terrível, eu gritava: ‘’ Mãe, eu te amo, não faz isso comigo’’. Ela se virou de costas e foi encontrar a minha avó, que saiu do elevador. As duas se abraçaram e começaram a chorar. O porteiro também se emocionou, ele me pediu para ir pra clínica que ele mesmo chamava o táxi e a gente ia agora mesmo. Ele me conhece desde os dez anos. Mas eu disse que queria dormir, que não ia hoje. Eu gritei até a minha garganta doer. Quando vi que não iam me deixar entrar, saí correndo. Caminhei por muito tempo antes de chegar aqui.

— E pra onde você vai? — Eu perguntei.

— Ora...é um lugar....no outro lado do centro. — ela respondeu com a voz dura.

— E você não podia pegar um ônibus para ir para lá? — Perguntei.

— Não, estou sem dinheiro, não tenho nada. As minhas pernas estão doendo tanto que eu nem sei como cheguei aqui. A sola do meu pé está doendo, se andar vai ser mancando. O lugar nem é tão longe daqui, é perto da casa de uma amiga, mas depois de tudo que caminhei eu não sei se consigo caminhar mais esses 15-20 minutos que faltam para chegar lá.

Ela disse essas palavras e se levantou devagar. Colocou a mão na coluna e nas pernas, e se sentou de novo. Massageava toda parte do corpo que suas mãos alcançavam. Ficamos em silêncio por algum tempo. Então me levantei.

— Olha, se esse lugar é tão perto eu posso pagar um táxi ou Uber para você ir pra lá. — Eu disse.

Ela olhou para mim e se levantou num pulo.

— Você pode mesmo? Mas como eu posso te devolver depois? Eu não tenho nada agora.

— Ela disse, e abaixou a cabeça.

— É só me fazer um pix. Não vou deixar uma mulher nova como você caminhar mais tempo na rua nessa hora da noite. — Respondi.

— Obrigada, mas eu não posso fazer um pix. É que o meu celular...ele foi roubado.

Ela disse isso e abaixou de novo a cabeça. A minha visão ruim no escuro não me deixou ver, mas ela devia estar com expressão envergonhada.

— Não, é mentira. Eu vendi.

Eu fiquei olhando um tempo para ela. O seu cabelo era comprido e ela não era muito baixa, devia ter quase 1,70 de altura. Sua pele era branca, mas estava laranja por causa das luzes alaranjadas das lâmpadas do centro. Peguei meu celular e abri o aplicativo do Uber.

— Você pode me dizer o endereço? — Eu disse.

Ela levantou a cabeça e pude ver que deu um sorriso. Ela falou o endereço, que era perto dali. A viagem ia dar dez reais no total. Ficamos esperando o Uber chegar. Quando ele chegou, eu abri a porta e dei meu nome ao motorista. Dei espaço para ela entrar. Quando se sentou no banco, ela pegou a manga do casaco do meu braço direito.

— Na quarta-feira que vem...não, na quinta. — Ela disse. — Você vem aqui 19 horas, eu vou te devolver o dinheiro da corrida. Você pode vir?

Fiquei surpreso com aquilo. Pensei que não a veria mais. Quando a vi dentro do Uber apenas pensei: “Que noite estranha, mas já acabou”. E de repente ela me convida para vir ao mesmo lugar numa outra noite. Ela estava me observando de dentro do carro sem soltar a minha mão, e nesse momento a luz de um poste bateu forte no seu rosto, até pude captar bem a sua expressão.

Ela era uma beldade, tinha uma beleza delicada e extraordinária.

Seus olhos eram agudos. O formato do queixo era delicado, o rosto tinha formato firme e demarcado, sem ser muito ovalado. Estava magra e com olheiras. O nariz e os olhos estavam avermelhados. Mas era linda de qualquer forma.

— Claro. — respondi, e sem dar por mim, dei um sorriso.

Ela sorriu de volta e soltou a minha mão. Fechei a porta. Observei o carro ir embora.

## 2. O Estrangeiro

Na quinta-feira, na hora marcada, cheguei na praça e a vi sentada no mesmo banco da outra noite. Ela deu um sorriso, e sem nem ao menos me esperar sentar, me deu uma nota de dez reais. Agradei e me sentei. Ficamos um tempo sentados, sem falar nada. Eu estava pronto pra levantar a qualquer momento e dar a noite por encerrada, quando ela se virou pra mim e disse:

— Sabe que você é uma das pessoas mais estranhas que já vi na vida?

— É mesmo? — Respondi surpreso.



— Claro que sim. Quem é que paga um Uber para uma estranha que acabou de conhecer e que ainda por cima tentou de roubar? Você é quase louco. Quando pensei em você nos últimos dias eu só conseguia rir. Que homem mais estranho.

— Bom, a parte da tentativa de roubo foi mais cômica do que trágica, tudo acabou bem no fim. Mas tem muitos homens por aí que pagariam um Uber para uma moça sozinha no meio da cidade, desde que o Uber fosse de baixo custo, é claro. Dez reais não é quase nada, não é nenhum valor elevado.

— Pois eu achei incrível o que você fez, sério mesmo. Eu disse que ri de você a semana toda, mas na verdade ainda me sinto culpada por ter tentado te roubar..

— Não foi nada. — Respondi.

Continuamos sentados sem falar nada por um tempo. Ela mexia as pernas e dava tapinhas nos joelhos, coçava o nariz. Pelo canto do olho vi que ela olhava para mim, depois para uma direção qualquer, depois de novo pra mim, e depois seu olhar ia viajar por qualquer outro lugar. O centro estava mais cheio do que na noite em que nos vimos pela primeira vez. Fiquei observando os carros, os ônibus, os movimentos de estudantes que iam ou voltavam de cursos técnicos e pré-vestibulares. Então meu olhar se voltou para ela. Mesmo com a pouca iluminação da praça, vi que ela estava me observando com uma expressão grave. Ajeitou o cabelo com a mão esquerda e endireitou a postura.

— É sério, naquela noite eu estava desesperada. Além da dor nas pernas que eu fiquei depois de caminhar tanto, eu ainda estava com fome, com frio, molhada, achei que fosse ficar doente. Se não fosse por você eu acho que ia me atirar na frente de um ônibus.

Olhei para ela espantado. A gratidão dela era para mim uma coisa boa, mas depois dessa frase cheguei a pensar que era até obsessiva.

— Ora, não é para tanto. — Respondi constrangido. — Eu sou um homem qualquer, comum...bom, se bem que não tão comum. Mas não sou nada de extraordinário em relação a ninguém.

— Como assim você não é tão comum? — ela perguntou com tom e expressão de curiosidade.

— Ora, bem...você quer mesmo me ouvir? Eu não vou te incomodar falando de mim? E eu sou tímido, não tenho o hábito de falar muito, pode ser que eu me atrapalhe e fale coisas sem sentido. Ainda assim você quer me ouvir? — perguntei.

— Isso é pergunta que se faça para quem tentou te roubar? — Respondeu sorrindo. — Pode falar, na outra noite eu ainda te atormentei com a minha história, agora você me dá o troco. É ótimo ter alguém com quem conversar, eu não tenho quase ninguém com quem

falar...quer dizer, nesse momento, antes eu tinha quando estava em casa. — Ela disse, constrangida.

Me ajeitei no banco e cruzei os braços, pensando numa maneira correta e fácil de começar a dizer o que pensava. Ela se virou para mim com expressão atenta e grave.

— Bom...— comecei. — Para início de conversa, eu não sou um homem tão comum assim... mas isso eu já disse antes. O que quero dizer é que sou diferente dos outros.

— Diferente como? — ela perguntou. Cruzou as duas pernas em cima do banco e apoiou o rosto na mão direita.

— Podemos dizer que eu sou um estrangeiro. — Eu respondi.

— Um estrangeiro? Mas você fala o português tão bem.

— Sim, eu sei disso. Mas é uma metáfora. Eu na verdade sou desse país, dessa cidade, sempre falei essa mesma língua, nunca fui para outro país ou outro estado do país. O tipo de homem que eu sou é um tipo diferente de estrangeiro, um tipo raro: nós, ao contrário das outras pessoas, somos estrangeiros no lugar onde nascemos, no bairro onde vivemos, na cidade de onde nunca saímos. E mais estranho ainda é o fato de que não nascemos estrangeiros, como é o normal para uma pessoa que vai para outro país, que se vê naquele ambiente que não é seu lugar de origem. Eu nasci um cidadão comum como qualquer outro, me integrava no mesmo ambiente que todo mundo, eu falava e as outras pessoas me entendiam.

Mas isso passou quando me tornei um estrangeiro, não do país, da cidade, do idioma, mas da vida em sociedade. Qualquer pessoa que interaja com outra e se conecte de maneira profunda já é diferente de mim. Por exemplo, quando vou num bar ou num mercado do meu bairro, sei que sou tão estrangeiro ali quanto em qualquer bar da Europa. Se passo todos os dias pelas mesmas pessoas e até já conheço os seus rostos, isso não tem diferença, pois ocupamos o mesmo espaço, mas não ocorre comunicação profunda e de longo prazo. Às vezes converso com uma pessoa, mas não dura muito e não torna a acontecer tão logo. É como se estivesse em outro país e só soubesse algumas poucas palavras do idioma dos outros.

Quando passo pela mesma senhora cheia de sacolas que já vi mais de quinhentas vezes e dou bom dia, não sei se vou receber a resposta. Às vezes sim, às vezes não. E quando acontecia dela não me responder eu ficava tão indignado que não dava bom dia no dia seguinte, e isso me deixava com um sentimento de culpa enorme, e foi aí que vi que é melhor dar bom dia mesmo quando existe a chance de não se receber uma resposta. Eu trabalho em casa, o que piora as coisas, já que não tenho a convivência diária com colegas dentro e fora do

ambiente de trabalho, como a maioria das pessoas tem. Eu vivo assim todos os dias, já faz alguns anos.

— Mas você não nasceu assim, você ficou assim, certo? O que houve, como você ficou desse jeito se era normal antes? Não que eu esteja te chamando de anormal, desculpa. — Ela disse, e juntou as mãos como numa oração e abaixou a cabeça algumas vezes, pedindo desculpas. O gesto dela de abaixar a cabeça me fez lembrar dos japoneses dos seriados que vi. Sorri.

— Sem problemas. Você está certa, eu não nasci assim. Eu fiquei assim há alguns anos. Eu tinha um bom dinheiro guardado que era a sobra do dinheiro de um precatório que a minha mãe recebeu. Ela me deu uma boa quantia- bem menos do que a metade para falar a verdade, aquele precatório foi enorme-, e me disse para fazer o que eu quisesse com ele. Meu pai já morreu há muitos anos, eu vivia com a minha mãe. Eu tinha acabado de sair do ensino médio quando saiu o dinheiro, eu rodei dois anos no ensino médio, por isso me formei com dezenove anos. Tive várias conversas com a minha mãe e resolvi morar sozinho no centro, para fazer uma faculdade ou curso técnico.

Antes de sair de casa eu tinha feito o Enem e consegui uma nota mediana. Vim morar sozinho no lugar em que moro até hoje. O dinheiro que eu tinha era bom, deu para me sustentar por quase dois anos. O problema é que a vida que eu levava era o oposto da vida do bom estudante. Ao invés de usar o dinheiro para crescer em algo, pra estudar ou fazer academia, eu usei pra jogar videogame, comprei jogos de computador, de vez em quando eu ia no cinema sozinho, mas passava grande parte do dia trancado no apartamento. Ali eu só jogava, ficava nas redes sociais, jogando, vendo sites pornográficos, o meu dia era todo dedicado para essas coisas.

— Puxa vida, você não tinha amigos? A sua vida era ficar trancado em casa? — ela perguntou.

— Sim, isso mesmo. Além das coisas que já falei, eu era sedentário e tinha compulsão alimentar. Engordei muitos quilos, dormia até tarde, vivia como um zumbi, nunca estudava. Quando vi que o dinheiro que tinha estava terminando, fiquei desesperado. Eu vi que aquela vida não me levava à lugar algum, mas também não queria abrir mão dela. Eu não queria admitir que tinha falhado na minha tentativa idiota de morar sozinho, então liguei pra minha mãe e pedi dinheiro. Ela perguntou quanto eu queria, e eu respondi: a maior quantia possível que não fique pesado. Ela me mandou vinte mil, era o resto do dinheiro do precatório. Eu fiquei eufórico, esperava receber menos de cinco mil, e recebi muito mais.

— Então você é de uma família rica? — ela perguntou.

— Não, nem tanto. Dinheiro de precatórios qualquer um pode receber, não depende de a pessoa ser rica ou pobre. E a minha mãe tem um salão de beleza, o negócio está indo bem desde aquela época. Quando recebi o dinheiro comecei a estudar para valer, fiz o ENEM de novo e tirei uma nota maior, aquele dinheiro que a minha mãe mandou me renovou, eu queria buscar as coisas de forma mais séria. Usei a nota do ENEM e entrei numa faculdade ...e foi aí que eu vi que era um estrangeiro.

Parei por um tempo e recuperei o ar. Passei a mão no rosto. Meu corpo tremia. Eu tentava esconder de qualquer forma, que eu estava nervoso por falar aquilo tudo. Olhei para ela e ela estava me observando com o queixo na mão esquerda. Ajeitei a postura.

— Você não tem mesmo o hábito de falar, não é mesmo? — Ela perguntou com a voz suave.

— Na verdade não, não mesmo. O motivo de eu conseguir falar é por você ter me perguntado, senão eu teria levantado e ido embora. Eu sou assim, se falo com uma pessoa uma vez, é só aquela vez mesmo, não consigo manter relações profundas e contínuas com ninguém. Pode ser que seja por eu falar pouco, mas também pode ser pelo fato de eu às vezes começar a falar e não consigo me controlar, falo coisas desconexas e absurdas, tentando deixar a conversa mais interessante. Tenho pavor quando vejo que as pessoas perderam o interesse na conversa, e por isso costumo me calar e ficar soturno do nada, por isso todo mundo deve me achar estranho, num momento estou todo desajeitado tentando sorrir e falando com pausas estranhas, no outro estou sério demais e com a expressão grave.

— Mas você não está assim agora, o que aconteceu?

— Bom, você me deixou mais confiante quando me pediu para falar e demonstrou interesse, é isso. Não costumo receber essa receptividade das pessoas, por isso fiquei animado, admito. Mas se você já se cansou, eu paro, não tem problema. — Falei, até alto demais.

— Não, de jeito algum. — ela disse, balançando as mãos. — Eu nunca vi alguém falar desse jeito sobre si mesmo, fico feliz que você se sinta tranquilo para falar comigo. Pode continuar, me conta da sua faculdade.

— Bom, na verdade eu não estou tão tranquilo, estou até nervoso. — Eu disse, sorrindo meio atrapalhado. — Mas vou continuar, qualquer coisa você me mandar parar.

— Tudo bem. — ela disse com voz tranquila.

— Então, onde eu havia parado? Ah sim, a minha faculdade. Eu reparei que, quando voltei para ambientes sociais com muitas pessoas, eu já não era mais o mesmo. Eu não conseguia falar com as pessoas, fazer amigos, trocar cumprimentos já me deixava com uma

vergonha absurda. Um dia, quando todos estavam conversando numa roda animada, só eu fiquei de fora, escrevendo no meu caderno que tudo que aquela gente falava me parecia algo de outro mundo, de uma realidade paralela da qual eu não podia fazer parte. Nos intervalos eu costumava ficar na biblioteca ou nos banheiros, ou caminhando pelos corredores, já que não tinha com quem conversar. Eu conversava no máximo umas duas vezes com uma pessoa, e depois só cumprimentava sem jeito, não formava laços com ninguém, nem ia ao bar fazer um lanche.

Às vezes eu sentia que nem existia. Na confraternização de fim de ano a professora disse animada que era muito bom que todos estivessem ali, então uma colega minha apontou o dedo para uma mesa no fundo da sala e disse : O rapaz que sempre está ali não veio. Eu estava na frente dela, ela precisou passar a vista por mim para apontar aquele lugar, nossos olhares se cruzaram por um instante, mas ela não me reconheceu mesmo assim. A professora disse rindo que eu estava bem ali, e ela me olhou espantada, como se um fantasma tivesse se materializado do nada na frente dela.

“Saí da faculdade, pois não era bem aquilo que queria fazer, descobri no meio do caminho. Fui para um curso técnico e a mesma coisa aconteceu, eu não consegui um único amigo em cinco anos, juntando o tempo de faculdade e curso técnico. No máximo interações esporádicas e superficiais, e mais nada. O meu curso foi de audiovisual, é o meu trabalho hoje, eu edito vídeos para empresas ou empreendedores. Eu ganho bem, mas não tenho muito com o que gastar dinheiro, já que saio poucas vezes. Naquele dia em que nos encontramos eu estava voltando da loja de conveniências, já que estava com preguiça de cozinhar e não queria gastar muito com uma pizza e nem sair para ir a um restaurante. Bom, essa é a minha vida”.

Ela continuou a me observar em silêncio por um bom tempo. Coçou o nariz e esfregou os olhos com a manga do moletom. Descruzou as pernas e colocou os dois pés no chão.

— Você não pode fazer nada? Já foi num psicólogo? Deve ter um jeito de você se consertar.

— Eu já fui há alguns anos. — respondi. — Eu fiz algumas sessões e recebi algumas dicas para tentar socializar. Uma delas foi ir para um lugar movimentado e tentar iniciar uma conversa com alguém, ou algum grupo. O psicólogo disse que as pessoas costumam ser mais receptivas para contatos quando estão em grupo, já que um não quer repelir alguém com grosserias na frente dos outros. Eu visualizei uma cena em que eu começava uma conversa com um grupo, e então eu acabava por fazer parte do grupo, a conversa fluía de forma interessante e natural.

Fui a um bar onde havia grupos animados conversando, a maioria eram estudantes. Procurei um lugar e me sentei, escutando as conversas dos grupos mais próximos. Fiquei esperando um momento propício para iniciar uma conversa, mas o momento não chegava nunca, e fui embora. Na semana seguinte eu fiz o mesmo exercício, e me sentei perto de um grupo que estava conversando sobre bandas de Rock alternativo da década de 80. Fiquei eufórico, rock alternativo é meu gênero favorito, a minha banda favorita é a Sonic Youth. Fiquei escutando o grupo falar e reparei que ninguém ali citou o Sonic Youth, e em certo momento um homem perguntou pro grupo se eles conheciam uma banda de rock alternativo daquela época. Eu quase gritei Sonic Youth, mas não falei nada, fiquei esperando a coragem aparecer, sei lá. Acontece que eu esperei tanto que acabei não falando nada: o grupo se levantou e foi embora. Hoje já faz dois anos desse dia, e sempre que eu saio eu tenho essas visões onde interajo com as pessoas, mas nunca faço nada.

Por um tempo eu achei que tudo isso era temporário, que isso era uma forma provisória de existência que logo ia passar de forma natural, mas com o tempo acordei para a realidade: essa é a minha vida, ela já começou de verdade. O tempo que fiquei trancado em casa foi a época em que devia sair para viver a vida, estudar, trabalhar, formar relacionamentos, mas ao invés disso fiquei parado dois anos no tempo, o tiro de largada foi dado e eu não comecei a correr.

Às vezes paro para pensar e percebo que tudo o que queria era me sentar numa mesa de amigos sem nenhum compromisso, apenas para conversar com pessoas que se gostam ou se admiram mutuamente. Mas então percebo que não fiz nada de admirável, não tenho nenhuma qualidade ou feito extraordinário que possa causar admiração em outras pessoas. Apesar de tudo isso não sinto pena de mim mesmo, e essa vida até tem suas qualidades e vantagens.

— Como assim? — Ela perguntou espantada. — Como uma vida triste como essa pode ter vantagens? Eu acho até que a sua vida é mais triste que a minha, eu tenho o meu problema, mas nunca estive sozinha. Que vantagens você vê numa vida dessas?

— Bom, existe uma vantagem: essa vida não me dá muitas emoções, mas também não dá muitas decepções. Se não espero nada da vida, se apenas vivo essa vida quieta e pacata, então nenhuma decepção forte, nenhuma queda vertiginosa ou traição de expectativas altas vai acontecer.

— Não entendi, me explica melhor.

— Imagine o seguinte, você está na porta da felicidade, bem de frente para algo que você sabe que representa a felicidade máxima da sua vida, e está feliz e eufórico na frente da porta, esperando que ela se abra e você possa desfrutar aquela felicidade enorme e absoluta. Mas

então, um pouco antes de entrar pela porta, algo impede você de entrar, você coloca tudo por água abaixo por causa de um deslize ou erro bobo, uma besteira qualquer. Você estava tão perto, mas de repente aquela felicidade não está mais acessível. A porta está fechada, você parou para amarrar os sapatos, derrapou e escorregou por caminhar rápido demais, e você perdeu a chance, a porta fechou e nunca mais vai se abrir.

Essa dor de saber que podia ter tido a felicidade suprema, para então perdê-la, é o tipo de experiência que esmaga as esperanças e destroça o espírito. É como ter a chance de ser o primeiro, mas por um deslize ficar em segundo. Você até ganha algo, mas perdeu algo de valor muito maior e inestimável. Era até melhor não ter tido a chance de estar diante da porta, era melhor ter vivido uma vida pacata e sem grandes emoções, com um equilíbrio e monotonia que não te dá uma euforia, mas também não te derruba graças a uma alta expectativa que não se cumpriu. Essa hipótese de perder algo de valor tão grande me parece um pesadelo, e isso justifica a minha vida de agora. Eu queria algo diferente, mas me apeguei ao que tenho, e prefiro isso ao incerto e ao desapontamento que surge de uma grande decepção, o tipo de decepção que te faz ver uma vida plena e feliz pela frente e depois te nega isso, como um deboche.

— Eu entendo o que você quer dizer. — Ela disse. — Essa decepção grande é parecida com a decepção que vem com a morte de um paciente que parecia estar perto da cura, mas piora de repente e morre.

— Sim, é mais ou menos isso. — Respondi.

— No ano passado eu perdi uma tia que estava com câncer. Ela estava quase morrendo, mas por algumas semanas melhorou tanto que achamos que ia se curar. Ela ficou tão bem que marcamos uma festa grande de aniversário, faríamos uma viagem para visitar um templo budista que ela gostava. Mas de repente ela piorou, e três dias depois morreu. A nossa decepção com a morte que veio depois da melhora foi tão grande, que fiquei pensando que seria melhor seria não ser enganada desse jeito, pareceu um deboche, é bem como você disse.

— Sim, esse exemplo que você disse é perfeito. — respondi.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Ela estava sentada e pensativa. Eu estava com a garganta seca de tanto falar. Fazia tempo que não falava por tanto tempo com alguém.

— Tudo isso que você falou, e o jeito que falou, é tão estranho, é tão preciso. — Ela disse. — Você deve ter pensado sobre seus problemas por muito tempo para conseguir articular tudo desse jeito.

— Bom, eu leio bastante. E sim, já pensei bastante em tudo isso. Se aprendi a falar melhor é por ter lido alguns livros, se bem que não foram muitos. E eu também pesquisei muito sobre

peessoas que viveram como eu, por longos períodos afastados da vida social. Não sou o único.

— Isso é triste. Você parece tão bom. Se você quiser alguém para conversar...bem, eu posso vir aqui de vez em quando sabe? Nada me impede. Você quer? Acho que vai te fazer bem. Para mim também pode ser bom. Pode ser nas quintas?

Fingi pensar a respeito mesmo já sabendo a resposta.

— Por mim tudo bem. — Respondi, fingindo indiferença. Eu estava eufórico por dentro.

— Ótimo. — Ela respondeu sorrindo. E começou a caminhar. — Então até a próxima.

Ela acenou com a mão e se virou para ir embora.

— Pode me dizer seu nome? — perguntei.

Ela se virou num movimento ágil.

— Lu. Pode me chamar de Lu. E o seu nome, qual é?

— Renato. — respondi.

### 3. Quintas de luz.

Passamos a nos encontrar nas quintas-feiras. Algumas vezes conversávamos por horas, nas outras ela dizia que não podia ficar muito tempo e ia embora. Algumas vezes ela não aparecia, mas na quinta seguinte ela pedia desculpas, e agradecia por eu ter aparecido mesmo que ela não tenha me avisado se viria ou não, e na verdade nem teria como avisar. Ela estava sem celular, disse que podia arranjar um, mas não sabia quando. Eu falava sobre música, sobre Sonic Youth e Portishead, ela falava dos tempos da escola, sobre outras coisas triviais.

As quintas-feiras viraram para mim um dia parecido com o dia de missa para quem frequenta uma igreja, eram dias sagrados e iluminados. Eu ia falar com ela sem compromisso, naquela mesma praça, e apenas falávamos e depois íamos embora, nossas vidas não se tocavam nos outros dias. E por mim estava tudo bem. Eu ficava tão feliz que pouco importava se era um dia na semana ou se eram todos. Na verdade, nem parecia uma felicidade, mas sim uma euforia quase doentia. Ela parecia gostar de me encontrar, e dava risadas altas. Às vezes parecia meio alterada e soturna, mas na maioria das vezes estava completamente sóbria.

Em algumas noites jantávamos em restaurantes e bares que estavam abertos de noite, e passamos a caminhar, mas sempre começávamos e terminávamos os encontros na mesma praça e no mesmo banco. Ela bebia, mas não muito. Ela gostava de sertanejo e eu de rock, mas isso pouco importava. Ela perguntou o quanto eu lia, e eu respondi que lia 10 páginas por dia. Ela achou pouco, e disse que se fosse leitora iria devorar livros 12 horas por dia, mas que



fazia uns seis anos que não lia nada. Ela perguntou títulos de bons livros para ler, e eu disse alguns. Então Lu falou com uma risada:

— Já tenho a lista de leituras da minha próxima encarnação.

Eu também sorri.

#### 4. Dúvida

Nossos encontros já haviam começado há alguns meses, e uma dúvida começou a pairar na minha mente. Ela sempre tinha dinheiro, ela mesma pagava a sua parte das jantas que comíamos. Não vi ela falando sobre trabalho, e nem se recebia dinheiro da família. Eu insistia que podia pagar, mas ela se negava, e tirava várias notas do bolso. Um dia ela tirou quatro notas de cinquenta reais do bolso para pagar uma conta de oitenta reais. Estava confusa e meio aérea, se enrolou toda. Eu disse para deixar comigo, que eu pagava tudo. Ela ficou me olhando pagar a conta com um olhar bobo e distante, com as notas na mão e a boca meio aberta. Achei que fosse babar. O nariz estava muito vermelho e ressecado. Os olhos também estavam vermelhos.

Nós fomos para a praça e nos sentamos no banco. Ela estava em silêncio, coçava o nariz de vez em quando. Aquela dúvida me incomodando, a minha cabeça não podia relaxar. Eu precisava perguntar.

— Olha só. — Eu disse. — Eu tenho uma pergunta, mas você precisa me responder só se quiser, está bem?

Ela não se virou para mim, pareceu nem me ouvir.

— Lu. Lu! — Falei, e peguei na mão dela. Ela pareceu acordar e me olhou espantada, como se tivesse tomado um susto.

— Ah, oi. O que foi?

— Me responde se quiser, mas eu quero saber...de onde sai o seu dinheiro?

Ela me observou por um bom tempo. Desviou o olhar, olhou para o chão, para o outro lado da rua, coçou a cabeça, passou o braço no nariz, olhou pra mim de novo, confusa.

— Bom, eu...eu sou... — Ela começou, e não concluiu. Ficou em silêncio. Colocou as mãos nos joelhos.

Eu não queria forçá-la, mas queria saber, peguei no braço dela de forma delicada e acenei positivamente com a cabeça.

— Pode me falar.

Ela me olhou e acenou com a cabeça também.

— Eu sou...não, eu estava...eu sou uma...

Tive um pressentimento ruim. Ela juntou as mãos e apertou uma na outra.

— Há algumas horas, antes de anoitecer...eu estava num prédio no outro lado do centro...com um homem... — Ela disse, e abaixou tanto a cabeça que pensei que fosse desmaiar.

Tirei a mão do braço dela e coloquei na boca. Encostei meus cotovelos nos meus joelhos e coloquei o meu rosto no meio das minhas mãos.

— Não...isso não.

Ela não disse mais nada. Ficamos um tempo e fomos embora em silêncio, com um aceno leve de cabeça.

## 5. Decisão

A confissão de que vendia o corpo por dinheiro me fez ver que a situação da qual a minha felicidade dependia era uma situação doentia. Eu dependia da doença dela e do fato dela não viver uma vida normal para ter um breve momento feliz nas quintas-feiras. No dia em que paguei um Uber eu provavelmente paguei a conta que a fez ir para o lugar onde vendia seu corpo para conseguir dinheiro e se virar fora de casa. Fiquei a semana toda me corroendo por dentro, por ter uma felicidade tão mesquinha. Me vi como alguém diabólico, apesar de não ter culpa na doença dela.

Tomei uma decisão.

Na quinta-feira fui para a praça num táxi. Ela estava sentada no banco, me esperando. Abri a porta, saí, e disse para o motorista me esperar, que eu já ia voltar. Caminhei com passos rápidos, eu estava quase correndo. Quando cheguei perto ela me acenou alegre, estava melhor do que na quinta anterior. Parei na frente dele e estendi a mão.

— Vem comigo, agora. Vamos entrar naquele táxi.

Ela pareceu não me entender. Abaixou a mão e ficou olhando pra mim, confusa.

— Como assim? — ela disse.

— Vem comigo. Sai dessa vida.

— Mas eu...não, espera. Vamos...

— Vem agora. Vamos para o táxi, agora.

Ela não se levantou a princípio. Ficou parada alguns segundos pensando. Então se levantou num movimento lento. Eu peguei a mão dela e a levei quase correndo para o táxi.

— Mas para onde nós vamos? — ela perguntou.

— Você vai ver. — Eu disse. Entramos no táxi. Eu disse para o motorista esperar.

— Você vai me levar para casa?

— Não, vou te levar para uma clínica.

Ela me encarou surpresa.

— Eu não conheço nenhuma clínica, você vai precisar dar o endereço para o motorista.

— Mas de onde saiu isso? — Ela me perguntou. — Que ideia é essa de você me internar numa clínica, como você vai fazer isso?

— Eu não vou fazer isso. Lá eu vou te emprestar o meu celular e você vai ligar para sua família. Você se lembra o número de algum deles?

— Bom, eu me lembro do número da minha avó. — Ela respondeu.

— Ótimo, você vai ligar para eles e vai dizer que resolveu ir para uma clínica se internar, que a sua vida de rua acabou. Eles vão ir lá e vão te internar. Eu vou ir embora antes deles chegarem, acho que essa questão deve ser toda resolvida pela família, e não na presença de um estranho como eu.

— Mas você é meu amigo.

— Eu sei disso, nós vamos nos ver outro dia. Mas hoje você liga para sua família e diz que tomou a decisão de acabar com a sua doença de uma vez por todas, entendeu?

— Sim...entendi. — Ela disse com a voz baixa.

Ela deu o endereço para o motorista e ficamos em silêncio o caminho todo, Era uma clínica numa colina cheia de árvores. Lu ficou pensativa o caminho todo, mas quando saímos do carro pareceu se animar.

— Aqui é tão bonito, já vim aqui algumas vezes.

Paguei o motorista de táxi. Pegamos um crachá na entrada e fomos para o prédio principal, que ficava numa subida de asfalto ladeada por pequenas árvores e arbustos. Lu começou até mesmo a cantarolar enquanto subíamos para o prédio

— Parece até que estou levando a minha irmã mais nova no hospital depois que ela se machucou na escola. — eu disse, sorrindo.

— Ora, você me vê apenas como uma irmã mais nova? Você devia ter mais ambição. — Ela disse sorrindo, e me deu um tapinha nas costas. Me virei para ela e sorri. Seus olhos estavam muito vermelhos, assim como o nariz. Estava muito magra e pálida, com olheiras e os dentes um pouco amarelos.

Mas estava linda. Era inegável que tinha uma beleza fora do comum. O seu cabelo castanho escuro estava malcuidado, suas roupas fediam um pouco, mas tentei imaginar ela curada da sua doença, com saúde, sem olheiras e sem o nariz e os olhos avermelhados. O

rosto dela com esses problemas já era lindo, mas a visão dela com saúde parecia algo saído de um sonho, tamanha a perfeição da visão que eu alimentei na minha mente.

Entramos no prédio principal. Estava cheio de pessoas, velhas, jovens, homens nos trinta, meninas que pareciam não ter mais do que quinze anos. Pedi para Lu se sentar num banco e fui me informar com as atendentes sobre o processo de internação. Tudo podia ser resolvido com os documentos e uma taxa de internação, e é claro, a presença da família, que seria o responsável pelo paciente internado. A moça perguntou se eu seria o responsável pela paciente, e eu disse que não, que iríamos chamar o responsável pelo telefone.

Voltei para onde Lu estava sentada e dei o telefone para ela. Ela estava com as pernas balançando e parecia sorridente, eufórica. Ela discou o número.

— Oi vó, aqui é a Lu. Sim, há quanto tempo. Olha só, é o seguinte....

Disse onde estava e que estava esperando. A avó anotou tudo e disse que ia avisar os pais dela. Me sentei ao lado dela, peguei o telefone. O banco tinha uma almofada macia e confortável. Percebi que ela estava tremendo. Peguei a mão dela para acalmá-la. Ela sorriu para mim e deitou a cabeça no meu ombro. Fiquei envergonhado, mas era tão natural, ninguém olhava para nós. Sim, aquele tipo de coisa era normal entre casais. Para os outros podia até ser que pensassem que éramos namorados. Fiquei excitado e eufórico. Ficamos uns quarenta minutos assim, então decidi que era melhor ir embora.

— Você não quer ficar mesmo? — Ela perguntou.

— É melhor você resolver tudo com os seus pais, em família. Mas eu vou vir te visitar, não se preocupe com isso. Mas você não vai fugir né? Se for por isso eu até fico.

— Claro que não vou fugir, eu estou morta de cansaço, esse banco é tão bom e macio. Você vem mesmo? Não vai me abandonar? — Ela disse sorrindo.

— Amanhã não posso vir por causa do trabalho, mas depois de amanhã eu posso vir te visitar pela tarde.

— Mas vem mesmo. — ela disse, e pegou a minha mão. Deu um sorriso.

Sorri de volta para ela e disse para se tranquilizar. Disse um até logo e dei meia-volta para sair pela porta. Quando estava quase saindo pela porta, ouvi ela me chamar.

— Ei, espera um pouco. — Ela disse.

Me virei. Ela estava de pé, vindo na minha direção. Chegou perto, colocou as duas mãos nos meus ombros e me deu um beijo na bochecha. Eu tremi todo. Ela deu dois passos para trás e deu um sorriso lindo. Tapou a boca com a mão esquerda, como se para esconder os dentes meio amarelados. Mas mexia a mão, de forma que era possível ver o sorriso de forma quase completa. Ficamos nos olhando e sorrindo um para o outro.

Então ela deu dois passos na minha direção e, com um movimento ágil, enlaçou o meu pescoço com os dois braços e me deu um beijo.

Não sei quanto tempo ficamos nos beijando. A princípio eu não soube o que fazer, então peguei na cintura dela e ficamos grudados um no outro. Algumas pessoas nos observavam e riam, mas pouco me importava. O hálito dela não estava bom, mas a sua boca era quente e macia. Aquilo durou um bom tempo. Quando nos separamos, ela olhou para mim com os braços ainda enlaçados no meu pescoço e sorriu, o sorriso mais próximo que já vi. Desenlaçou meu pescoço e foi caminhando de costas de volta para o seu lugar.

— Agora vai. — ela disse. — Vai, pode ir. — Virou de costas e foi se sentar no banco quase saltitando. Estava sorridente e eufórica, passava as mãos nas pernas e fazia sinais para dizer que eu podia ir, que não precisava me preocupar com nada.

Duvido que aquela clínica já tenha recebido uma paciente tão feliz quanto ela.

Quanto a mim...eu estava nas nuvens. A vida que eu vivi por anos tinha acabado de terminar.

## 6. Planos

O meu encontro com ela despertou em mim uma nova potência: a de pensar no futuro. Mas não um futuro chato, monótono e repetitivo, onde tudo é a mesma coisa e nada acontece. O futuro na minha cabeça era o futuro com ela, eu só enxergava a vida a dois. Pensei em como seria a vida juntos depois da cura dela, levasse o tempo necessário para se curar, um ano, dois anos, não importava. Eu fiz planos de viagens, de casamento, de lua de mel, de passeios, de filhos e filhas, de uma velhice juntos, uma visão depois da outra saltava na minha mente. Mas o mais importante no início seria a saúde dela, o resto viria depois. A droga faz efeitos terríveis no cérebro, alguns podem até ser permanentes se não forem bem tratados.

O dia em que não pude ir vê-la foi um dia difícil, eu queria muito ir lá, mas tinha muito trabalho pra fazer. Até fiz a loucura de acordar 4 da manhã, quatro horas antes do horário em que costumo acordar, para ver se conseguia terminar os trabalhos para poder ir vê-la no fim da tarde. Passei o dia cansado e irritado por ter dormido mal e pouco. Terminei os trabalhos de edição de vídeos e estava tão cansado que quis me deitar um pouco, apenas 1 hora, depois tomaria um banho e ia correndo vê-la, se é que é possível visitar alguém tão tarde. Eu podia ter visto os horários de visitas. Mas se fosse necessário ir lá apenas para me informar, então já estava valendo alguma coisa.

Acabei dormindo demais e tive que esperar pra ir no próximo dia.

## 7. Espera

Cheguei na clínica um pouco depois das 14 horas. Peguei o crachá e subi a ladeira até o prédio principal. De dia era possível ver o lugar onde ficavam os pacientes, era numa colina cheia de árvores, com um portão de madeira bonito e vistoso. Perto das casas era possível ver algumas grades, provavelmente para impedir os pacientes de fugir, mas não eram muito altas, um adulto podia pular por cima delas facilmente.

Entrei no prédio e pedi informações sobre a paciente que havia se internado ali há dois dias.

— Qual o nome da paciente? — perguntou a atendente.

— Bom, eu não sei o nome dela, mas começa com Lu.

— Lu? Ora, tem várias pessoas aqui com nome que começam assim, mas vamos ver.

Ela pegou a lista de pacientes dos últimos dias e olhou. Franziu o cenho e disse um ah, enquanto passava o dedo no papel.

— Olha moço, sinto te informar, mas o médico e a família concordaram que a paciente deve ficar dois meses sem receber visitas presenciais.

Eu não pude acreditar no que acabara de ouvir.

— Mas isso é possível? — protestei. — Como vocês esperam curar as pessoas se proibem elas de ver pessoas do lado de fora? Isso é clínica ou é prisão?

— Bom, você pode protestar se quiser, mas isso foi combinado entre a família e o médico, e é claro que a paciente está de acordo com isso. Não existe uma proibição formal que impeça uma pessoa de receber visitas, mas se ela concorda que ficar um tempo isolada e se tratando é o melhor no começo do tratamento, então nós respeitamos a decisão do paciente. A clínica não impõe nada, tudo foi de acordo com o que todas as partes desejaram. Uma coisa parecida acontece com quem vai para as fazendas, por exemplo, elas ficam isoladas das famílias por anos inteiros. Claro que nada disso impede que a família fale com ela por telefone.

Fiquei aliviado.

— Então, se eu deixar o meu telefone ela pode me ligar?

— Na verdade quem pode ligar é a família, nós temos telefones fixos nos quartos, os familiares podem falar com os pacientes pelo ramal. É um número autorizado que é dado aos familiares.

— Você tem um papel? — Perguntei.

— Claro — ela respondeu.

Pegou um pedaço pequeno de papel e entregou na minha mão. Anotei meu nome e meu número de telefone e entreguei a ela.

— Você pode entregar para os familiares dela?

— Mas se ela não está recebendo visitas.... — Ela disse.

— Então quando a família ligar você diz que esteve aqui um amigo dela e que eu deixei o meu telefone. Eles podem me ligar, aí eu falo com eles e explico quem eu sou, e pego o número do ramal para falar com a paciente. Ou então entrega para o médico dela e diz pra ele mandar esse número pra família, está bem? Eu sou amigo dela, eu a trouxe aqui no dia em que ela se internou.

— Olha moço, não sei não...

— Você pode fazer isso? — Perguntei. Estava irritado, mas consegui controlar meu tom de voz.

Ela hesitou, mas pegou o papel.

— Vou ver o que posso fazer.

Virei de costas e saí. O meu corpo estava pesado, e ainda estava processando o fato de que não ia poder vê-la por dois meses, mas pelo menos eu deixei o meu número de telefone. Dois meses...sessenta dias de espera. Olhei para as janelas do lugar onde os pacientes ficavam. Pensei na Lu. Rezei para que estivesse bem, para que estivesse em paz.

## 8. A porta

No geral, dois meses passam rápido quando não se tem nada para esperar, mas no meu caso, dois meses pareciam uma eternidade. Dez dias depois eu não havia recebido a ligação de nenhum familiar, e o pior, a espera ficava cada vez mais insuportável.

Em quinze dias percebi que eu precisava dela como um doente em estado terminal depende dos aparelhos.

Fui à clínica e a mesma cena se repetiu: ela não podia receber visitas e eu deixei de novo o meu número de telefone. Aquilo me deixou furioso. Eu gritei com a moça e disse que ela era uma incompetente. O segurança foi chamado, mas eu saí sozinho, depois de pedir desculpas para ela. Eu estava sem domínio nenhum de mim mesmo.

1 mês se passou e não recebi ligações.

Fui à clínica pela terceira vez. Atendente diferente. A mesma cena.

45 dias sem ligações. Nem fui à clínica. Que diferença faria?

Parecia um pesadelo.

Quando se passaram os dois meses eu estava quase doente. O nível do meu trabalho estava ruim, eu comia mal, dormia mal. No dia antes dos sessenta dias eu nem estava feliz, estava

nervoso. Mas ajustei o meu humor por causa dela. A espera estava terminando. Eu queria falar com ela sobre todos os planos e delírios que tive em todo aquele tempo separados.

Eu planejei uma vida toda, no meio do nervosismo e na minha abstinência da presença dela. Alimentei a minha imaginação com centenas, talvez milhares de cenas, de sorrisos, de lágrimas, de carícias, de beijos, momentos de intimidade, de sofrimento, conversas sem graça, quando fui ao mercado até imaginei o tipo de diálogo que faríamos quando fôssemos juntos fazer as compras da casa. Pensei até em crianças depois de ter um sonho com crianças correndo.

Acordei cedo, tomei um banho, fiz a barba, trabalhei um pouco, e parti para a clínica.

Quando cheguei lá, as atendentes eram duas mulheres que eu nunca tinha visto. Perguntei pela paciente e disse que ela estava ali há dois meses. A mulher acenou com a cabeça e pegou um papel com a lista de pacientes. Abriu numa página e franziu o cenho, depois partiu para outras páginas. Pousou o dedo num nome qualquer, numa página qualquer e levantou a cabeça para mim, com olhos arregalados. Largou os papéis e foi procurar qualquer coisa no sistema do computador. Balançou a cabeça negativamente. Olhou para mim.

— Moço, desculpa te informar, mas a paciente que você procura cometeu suicídio há duas semanas.

Não entendi o que ela quis dizer. Encarei ela, e depois a outra atendente, que mordeu o lábio e fez expressão de tristeza.

— Tadinha, ela era linda, parecia uma boneca. — ela disse.

Ainda não tinha juntado os pontos.

— Sim, mas...é hoje que acaba...agora eu, mas não, espera...

— Moço, você me entendeu? Ela morreu.

— Você tem certeza? — Eu falei, com uma voz débil.

— Moço, você está bem? — ela disse. — A sua cara está tão...

Ah, eu demorei para entender. Mesmo sabendo o que aconteceu eu não conseguia relacionar o fato com a pessoa. Sim, é claro. Como se a pessoa fosse uma coisa e a morte fosse uma coisa separada, algo que não a envolvesse e não tivesse relação nenhuma com ela. Virei de costas e saí da clínica, nem me lembro se falei alguma coisa com as duas mulheres.

O sol queimava a minha cabeça, e eu fui para casa, tentando entender o que tinha acontecido, tentando juntar os pontos. Ela estava morta, tinha morrido, nunca mais ia vê-la. Tão fácil de entender. Mas o difícil não foi apenas aceitar a morte dela, mas sim entender que aquilo encerrava as possibilidades de futuro que sonhei com ela. Sim, a porta do meu futuro



se fechou, se desmanchou. O meu maior medo se concretizou, o deboche jogado na cara e a porta fechada com o som de uma risada macabra, uma risada de morte.

Não sei como fui para casa, mas fui. Desabei no sofá. Fiquei sentado ali até escurecer. Só fui ter forças para chorar no fim do dia. Eu não tinha mais planos, esperanças, expectativas, nada, tudo se encerrou. Meu futuro estava morto.

## 9. Uma voz débil

Nos meses seguintes à morte dela, por mais triste que estivesse, tentei enxergar o futuro de uma maneira positiva. Se até mesmo eu tive a oportunidade de conhecer alguém como ela, então pode ser que algo parecido acontecesse de novo se eu me esforçasse e saísse fora da minha concha. Passei pela praça dezenas de vezes ao longo dos anos. Continuei indo nos lugares em que íamos comer e pensava nas possibilidades de interações com outras pessoas, e até cheguei a conversar numa noite com um grupo animado de amigos, mas depois daquela noite eles nunca mais foram no mesmo bar, e eu sempre tinha interações tão breves e curtas, sem nenhuma profundidade, que acabei voltar aos velhos hábitos de quase nunca falar com ninguém.

Eu estava sendo exigente demais, e isso me impedia de começar conversas mais leves. No fundo eu tinha uma esperança, como uma voz débil lá no fundo da minha alma, de que eu iria encontrar outra pessoa para ter algum laço, para ter uma amizade real. Com o tempo me veio na consciência a situação real que vivi com a Lu: vivemos pouco tempo juntos, não foi quase nada, um encontro por semana na quinta-feira, e só. E ainda assim, os encontros deixaram uma impressão poderosa na minha alma. Tão poderosa que pensei que só poderia honrar a memória dela me conectando com outras pessoas, mas isso não aconteceu. Não consegui me consertar, nem me conectar a ninguém.

Com o tempo, vieram os delírios da minha mente: toda mulher de cabelos castanhos escuros passou a ser irmã gêmea da Lu. Passei a observar todas, para ver se encontrava pelo menos a equivalente física dela nesse mundo. Num dos dias em que passei pela praça, de noite, vi um casal se beijando dentro de um carro, bem na frente da praça. Vi a mulher de costas, tinha o cabelo parecido com o dela, e pensei: aí está outra irmã gêmea dela. Mas uma pessoa morta não beija ninguém, não respira, aliás, não vive. Fui para casa furioso, pois aquilo já estava virando uma obsessão, uma doença.

Sim, e eu continuei a viver. Vivia, mas não vivia, preso numa memória, numa hipótese de felicidade que não se concretizou, que me levou para o lugar mais doce da existência, mas não se tornou real. Tudo desapareceu, aquela vida feliz me foi negada, e eu não podia fazer nada.

Só podia lidar com a dor, e aguentar a solidão que só aumentava e me esmagava de forma impiedosa.

## 10. Quando algo se quebra

Cinco anos se passaram.

Minha vida continuou a mesma. A esperança débil de me conectar com outras pessoas ainda não havia desaparecido, mas era uma esperança diáfana e frágil, como uma taça fina de cristal que levou uma pancada e insiste em não se quebrar, apesar das rachaduras. Continuei a viver quieto no meu canto, trabalhando e ganhando meu dinheiro. Em meses com bastante trabalho meus ganhos superavam 6000 reais com certa facilidade. Eu ganhava bem e vivia bem, não podia reclamar de nada. Tentei ir a um terapeuta para ver se conseguia fazer algo para me consertar. O doutor chegou a levar alguns alunos e alunas para o consultório para conversar comigo, com num experimento social. Na sala de consulta eu ia muito bem e conseguia conversar normalmente com qualquer um deles, mas na realidade, fora do consultório, não consegui mudar em nada.

A única atividade social que eu tinha era jogar duas vezes no mês futebol com meus ex-colegas do ensino médio. Um deles me chamou pelo celular num dia, e acabei indo. Duas horas de atividade física intensa no mês, no resto eu me virava com as minhas caminhadas pelo próprio centro. Eu ainda passava pela praça de vez em quando, mas não parava. Os poucos meses que passei com a Lu às vezes me pareciam um delírio, de tão rápido que tudo aconteceu.

Eu cheguei até mesmo a duvidar da existência dela em alguns momentos. Até os planos que eu fiz pareciam uma ilusão, parece que nunca tinham existido na minha própria consciência. No entanto, quando me convencia de que existiram mesmo, esses planos voltavam para me assombrar como a sombra futuro que não tive. Viver sem grandes perspectivas de futuro foi a minha especialidade por muito tempo, com a morte dela eu apenas tive que voltar a viver do jeito que sempre vivi antes de conhecê-la.

Foi dolorido por um tempo, mas depois em me acostumei. O ser humano se adapta a qualquer coisa, a qualquer dor, por mais insuportável que ela pareça.

Fui ao shopping para comprar um tênis novo para jogar futebol. O tênis de corrida que eu estava usando para jogar estava rasgado na parte de cima e com a sola descolada. Caí duas vezes quando fui correr atrás de uma bola na linha de fundo. Eu ganhava bem, não precisava ficar com um tênis detonado. Depois de comprar o tênis, dei uma volta no shopping e olhei para as vitrines, mesmo para aquelas com coisas que não compraria. O shopping estava lotado, já que era sábado e na segunda seria feriado de Dia das Crianças. As lojas de brinquedos estavam lotadas, o shopping estava barulhento, pensei em ir fazer um lanche na praça de alimentação, mas sabia que estaria lotada. Resolvi ir embora.

Continuei a observar as vitrines, e meu olhar se fixou numa loja de presentes que tinha um tabuleiro de xadrez lindo, todo de vidro azul, com peças de vidro azul escuro representando as negras, e as brancas eram transparentes. Custava 600 reais, e considerei comprá-lo no Natal, já que tinha bastante dinheiro guardado. Por mais que eu não jogasse muito xadrez, aquela seria uma bela peça de decoração. Fiquei admirando o tabuleiro, as cores, as dimensões, os tamanhos e desenhos das peças. quando senti um toque no meu braço.

— Eu não acredito...é você? — falou uma voz feminina.

Me virei num movimento lento.

— Sim, é mesmo você.

Era Lu que estava na minha frente.

A princípio fiquei confuso. Era ela, eu sabia que era, mas ao mesmo tempo tentei lembrar de outra pessoa que fosse parecida com ela. Uma colega da escola, ou da faculdade talvez. Mas não, ninguém era daquele jeito. Era a mesma pessoa, mas estava saudável, sem olheiras, seu nariz e seus olhos não estavam vermelhos, não estava magra demais, e seu cabelo castanho escuro estava muito bem cuidado. Ela vestia um vestido azul escuro, com desenhos de flores brancas e prateadas, com um decote enorme, quase impossível de não ser reparado devido ao volume dos seios. Usava nos pés uma sandália marrom-escura. Carregava uma bolsa marrom no braço esquerdo.

Fiquei olhando aquela beldade boquiaberto.

— E aí, não me reconhece? — ela disse, sorrindo. Seus dentes não estavam mais amarelados, estavam branquinhos. — Puxa vida, eu achei que nunca mais ia te ver. E então, você ainda está vivendo a mesma vida?

— Eu..., mas como? — Coloquei a mão na boca e balancei a cabeça, sem acreditar no que via. — O que você está fazendo aqui? — Perguntei.

Ela sorriu, mas um sorriso triste.

— Você não parece feliz em me ver. — Ela disse.

— Eu..., mas é claro que estou, mas...como você pode estar aqui?

— Como assim, como? O shopping está lotado, é o dia perfeito para se estar aqui.

— Mas você não estava...eu não acredito. — Eu disse.

O meu peito começou a ofegar. Eu não estava vendo um fantasma e nem uma pessoa parecida: era Lu que estava na minha frente. Era mesmo ela! Mas como uma pessoa morta podia sair do túmulo para andar pelo shopping?

— Quem é esse amor? — disse uma voz masculina.

Nós nos viramos ao mesmo tempo para um homem da mesma altura que a minha, mas forte, atlético e barbudo. Usava tênis de corrida, calça jeans, e uma camiseta da Sonic Youth. Usava uma bolsa canguru na parte da frente do corpo, carregando um bebê, e com as mãos conduzia um carrinho com outro bebê. As duas crianças eram idênticas, só podiam ser irmãos gêmeos.

— Olha só amor, esse aqui é o estrangeiro, de quem eu tanto te falei. — Ela disse.

— O quê? É mesmo você? — Ele disse, espantado. — Então você existe mesmo?

— Como assim? — Eu perguntei, me virando para ela.

— Ah sim. Depois que você desapareceu a minha família começou a pensar que você não existia, que era um delírio da minha cabeça que eu inventei com as drogas. Minha mãe até debochava de mim, me perguntava se o meu amigo imaginário já tinha aparecido para bater um papo. Eu fiquei desesperada, todo mundo achava que eu estava louca. Em alguns momentos eu até cheguei a pensar que você não existia mesmo, que tinha sido só uma ilusão, mas as nossas noites não foram invenção da minha cabeça, eu sabia disso.

— Como assim eu desapareci? Deixei o meu número com as atendentes da clínica, pedi para entregarem para sua família.

— Você fez mesmo isso? — ela disse surpresa.

— Claro. Eu fui lá dois dias depois da sua internação, e você não podia receber visitas por dois meses, então deixei meu número, não me deixaram falar com você.

— Isso é verdade, o médico achou que eu não podia receber visitas, senão ia pedir para sair da clínica. E eu sabia que ia fazer uma cena dramática e ia chorar, implorando para sair, e que meus pais iam acreditar em mim e me tirar de lá. Mas eu pedi para minha família te ligar, era só ligar para o número que ligou pra minha vó na noite da minha internação. Eles não te ligaram?

— Não, eu não recebi ligação nenhuma.

Ela colocou a mão na boca e balançou a cabeça negativamente.

— Meu Deus...quando eu perguntava se tinham te ligado eles diziam que iam fazer isso, mas sempre desviavam o assunto, sempre deixavam a entender que iam resolver isso depois dos dois meses. Ninguém te ligou mesmo?

— Não. Eu até troquei de celular um tempo depois, aquele meu já estava travando demais, estava estragando. Mas você não podia pegar o celular da sua avó para me ligar?

— Não, eu não pude — ela disse, olhando para o chão, com o olhar triste. — Depois dos três meses que fiquei na clínica eu fui para uma fazenda, fiquei lá dezoito meses. Eu saí direto da clínica para a fazenda. Ninguém falava de você, se tinham te ligado ou não, achavam que eu estava louca, e eu dizia que não estava. É claro que eu tinha alguns delírios de vez em quando, por causa dos remédios e da abstinência da droga, mas eu não ia inventar uma pessoa. Eu só falava em você, só pensava em você, você é para mim como um herói, se não fosse por você eu estaria naquela vida até hoje.

Fiquei encabulado.

— E por que você não voltou lá depois dos dois meses sem visitas? — Ela perguntou.

— Bom, eu fui.

— E o que houve, não te deixaram entrar?

— Não, não foi isso, eles... — fitei o chão, sem coragem de falar.

Ela pegou no meu braço. Olhei para ela, sua expressão estava séria, aguda e apreensiva.

— O que houve? — Ela perguntou.

— Me disseram que você tinha se matado — eu disse, com vontade de sumir.

Lu soltou o meu braço e colocou as duas mãos na boca, com expressão de terror. O marido dela ficou boquiaberto. O barulho do shopping pareceu ficar ensurdecedor nos instantes em que ficamos em silêncio, eu fitando o chão e os dois se olhando sem poder acreditar no que tinham acabado de ouvir.

— Mas como, de onde saiu isso? — Disse Lu, indignada. Pegou no meu braço. — Você tem certeza disso, não está inventando? — Apertou o meu braço, parecia furiosa.

— Não. Eu fui lá e me disseram que você tinha se matado, que uma paciente linda como uma boneca tinha cometido suicídio duas semanas antes.

— Mas não, espera...uma paciente cometeu suicídio sim, ela tinha a mesma idade que eu, se enforcou. Ela foi internada no mesmo dia em que fui internada, mas de tarde. — Lu colocou a mão na boca. — Que nome você deu?

— Eu? Ora, eu só te conhecia por Lu, então dei esse nome nas vezes em que fui lá.

Ela soltou do meu braço. Deu alguns passos para trás. Estava com a boca aberta e os olhos confusos. Colocou a mão esquerda na boca, mas não para esconder um sorriso, como na vez

em que nos beijamos na noite da internação. Seu olhar era descrença pura, no que quer que estivesse pensando. Parou quando sentiu o carrinho do filho.

Começou a chorar de maneira descontrolada.

Eu e seu marido ficamos observando-a chorar, sem fazer nada por um tempo. Os soluços eram intermináveis. Eu dei dois passos e fiz um gesto para acalmá-la, mas o marido dela já havia colocado a mão nas costas dela e esfregava de leve. O olhar dele era tristeza pura.

— Não, não pode ser. — ela disse, entre soluços. — Não, o que eu fiz.

Eu tentei entender, mas estava triste só de vê-la chorar. Ela conseguiu se acalmar, mas seus olhos estavam vermelhos, sua boca tremia ao falar.

— A menina que se matou...o nome dela era Malu, Maria Luiza. Eu não acredito que me confundiram com ela por causa do apelido...o meu é Lu, o dela era Malu, como puderam achar que eu era ela?

E irrompeu em soluços de novo. Eu fiquei constrangido ao vê-la chorar daquele jeito. Ela deu quatro passos ágeis na minha direção, e jogou os braços no meu pescoço, me abraçando.

— Meu amigo, o que deixamos de viver por causa de um erro tão bobo! Luciana, meu nome é Luciana. Me perdoa, me perdoa! — ela disse, soluçando.

Eu não sabia o que fazer. Meus braços estavam baixos. Larguei a sacola com o meu tênis no chão e a abracei pela cintura. Olhei para o marido dela, e ele sorria, limpou uma lágrima no olho esquerdo. O bebê no colo chamava pela mamãe, fazendo sinais com a mãozinha.

— Eu achei que você tinha me abandonado, que não ligava para mim, que tinha me esquecido e não queria saber de uma viciada. — Ela disse, emocionada. — Eu até cheguei a pensar que você tinha me largado por achar que eu não ia tomar jeito.

— Claro que não. Desde o momento que você entrou na clínica eu já tinha certeza de que você ia se curar.

Ela largou o meu pescoço e sorriu para mim com lágrimas nos olhos. Se virou para seu marido.

— Viu só amor, é esse tipo de homem que ele é. — Ela disse sorrindo. Ele também sorriu.

— Sim. É bem como você tinha falado.

Ela se virou para mim sorrindo. Eu peguei a minha sacola e dei um sorriso débil para os dois. De novo ela me abraçou num movimento ágil. O perfume dela, assim como o volume dos seios pressionando o meu peito me deixaram quase tonto, mas consegui me manter firme e a abracei com o braço esquerdo. Eu estava agitado por dentro.

— Você é meu herói, tudo de bom que eu vivi nos últimos anos desde que me curei eu vivi por sua causa. Eu só tenho família por sua causa. Fiquei anos só falando em você, só

pensando em você, eu até sonhava com você. Meu Deus, como eu era louca pelo meu estrangeiro.

— É verdade. — disse o marido dela, sorrindo. — Nós fomos de carro várias vezes na praça em que vocês se encontravam. Na época nós éramos amigos, nos conhecemos no ensino médio. Ela queria te encontrar de qualquer jeito, mas você nunca apareceu lá quando íamos. Eu até cheguei a duvidar da sua existência.

Sorri para ele, Luciana me largou e eu fui apertar a mão dele.

— Por sua causa eu apresentei a Sonic Youth para ele. Ele adorou a banda.

— Sim, adoro rock alternativo. — Ele disse.

— Eu também, a Sonic Youth é ótima. — Eu disse com um sorriso desajeitado. A minha agitação interior crescia cada vez mais.

O bebê me estendeu a mão, eu dei meu dedo e ele agarrou.

— Eu ganhei esses gêmeos no final do ano passado. — Ela disse, animada. — Se tivéssemos nos encontrado antes você com certeza seria padrinho de um deles.

Os dois bebês eram lindos. O bebê no canguru segurava o meu dedo e sorria, e o bebê do carrinho estava sentado e nos observando com um olhar fixo e sério. Os dois tinham cabelos castanho escuro, parecidos com os da mãe. Observando-os eu fiquei ainda mais agitado por dentro, eu estava eufórico. Luciana agarrou o meu braço com as duas mãos.

— Escuta, você tem algo para fazer? Está ocupado? — Ela perguntou.

— Bom, eu... — pensei por um tempo. Eu já estava indo embora quando os encontrei. O que eu tinha para fazer mesmo? Ainda tinha algo?

— Se você não está ocupado, então por favor, vem comer com a gente. — Ela disse, quase colando o rosto no meu. — Nós vamos dar mais umas voltas e depois vamos para a praça de alimentação, vamos encontrar a minha família toda: meu pai, minha mãe, minha avó, meus irmãos. Você não quer vir com a gente? Eles vão adorar te conhecer, vão saber que você existe mesmo, e vão te adorar, já que você é o homem que me salvou. Vai ser uma mesa só de amigos, que você tanto queria, lembra? E todos vão te admirar pelo que você fez para mim. Eu disse para eles dezenas de vezes que eu não era louca, que você existia mesmo, agora chegou a hora da Luciana louca deixar de existir.

Ela deu uma risada alta, estava eufórica. Sorri desajeitado, o meu interior estava numa agitação indescritível.

— É claro que você vai ser amigo da nossa família, nós vamos nos encontrar muitas outras vezes. — Ela disse, e me abraçou de novo. — Como eu estou feliz por te encontrar.

Ela me largou e foi para junto do marido.

— Então, vamos? Nós vamos pagar para você é claro, não precisa se preocupar com gastos. — Ela disse animada.

Eu estava inseguro, mas tomei uma decisão.

— Bom, eu aceito o convite.

Os dois deram um sorriso de pura felicidade.

— Mas antes eu preciso fazer umas comprinhas no supermercado que fica ali do lado do shopping. — Eu disse. — É pouca coisa, mas vocês ainda vão dar umas voltas, certo?

— Sim, nós ainda temos algumas coisas para comprar. — Disse Luciana. — Vamos encontrar a minha família daqui a meia hora na praça de alimentação. Pelo menos é o que combinamos.

— Perfeito. — Eu respondi. Minhas pernas tremiam, não sei como não estava gaguejando. — Em meia hora encontro vocês. Em qual restaurante vocês vão comer? — Perguntei.

— Vamos comer no restaurante ao lado do Mac, aquele que tem espaço fechado e mesas.

— Ela respondeu.

— Ótimo, encontro vocês lá. Tchau neném, até depois. — eu disse, acenando para o bebê. Ele sorriu e acenou de volta.

Então acenei para todos eles. Luciana não se aguentou e veio apertar a minha mão. Pegou a minha mão esquerda com as duas mãos e demorou para soltar. Seu sorriso era amável e cheio de ternura.

— Então, até depois. — Eu disse.

— Até. — Ela disse animada. Largou a minha mão e foi se juntar à sua família.

Acenei para os dois e me virei de costas.

A agitação aumentava cada vez mais. Eu cheguei a bater em algumas pessoas enquanto caminhava com passo acelerado. Eu pedia desculpas sem nem olhar para a pessoa e continuava caminhando. Olhei para a frente e já era possível ver o letreiro enorme do supermercado, mesmo de longe. Acelerei o passo.

*Está viva, está viva, pensei. Esteve viva esse tempo todo. A minha agitação já estava no nível do insuportável. Virei à direita e fui ao banheiro para me acalmar. Me sentei no vaso e coloquei as duas mãos no rosto. Viva, viva, viva, viva, está viva. E como está linda, que mulher mais gentil e carinhosa. Comecei a bater os pés. E que família linda, só de olhar para o marido já sei que é alguém que a merece, que não deve fazer mal nenhum para ela. E que filhos lindos, que bebês mais fofos, tão parecidos com a mãe.*

Eu suava, minha testa pingava de suor.



*E ainda me convidam para almoçar, como são gentis. Mas será que vou ser bem-vindo, será que não vou me insinuar demais para dentro da vida íntima deles aceitando um convite pra almoçar? E ainda por cima com toda a família. E depois, o que vem? Mas eu preciso pensar em tudo isso agora, que tal apenas comer o almoço e não se preocupar com o que vem depois? Isso pouco importa agora, aliás. Está viva, está viva! Preciso ir ao supermercado e voltar o mais rápido possível. Meu Deus, como estou feliz.*

Me levantei num salto e fui lavar o meu rosto numa das pias do banheiro. Observei o meu rosto: estava pálido, magro, com barba por fazer, olhos vermelhos com olheiras, nariz fungando de um possível resfriado. Me cheirei, o cheiro dela estava em mim. Olhando no espelho, era difícil acreditar que eu era o homem que aquela mulher linda tinha abraçado. Coloquei as minhas mãos na pia e fiquei observando o meu rosto no espelho. Comecei a sorrir, um sorriso doentio por causa da minha cara doentia.

*Está viva, está viva, está viva’’, eu gritava em meus pensamentos. Está viva e saudável, tão alegre, parece que está vivendo uma vida de sonhos uma vida parecida com aquela que imaginei para nós..., mas com outro homem do lado dela, que não eu. E não se lembrou que meu nome é Renato, eu sou apenas o estrangeiro, mas isso não importa, o que importa é a saúde dela, a alegria dela, e que saúde, e que alegria, e que homem ela conseguiu, que figura imponente e respeitável. E eu vivendo a mesma vidinha..., mas ninguém tem culpa disso, só eu.* Eu aproximei o meu rosto ainda mais do espelho. Coloquei as duas mãos no meu rosto, a minha felicidade era incontrolável, eu não conseguia parar de rir.

— Pai, pai, olha ali. Ele está bem? — disse uma voz de criança do meu lado.

— Moço, moço. Você está bem? — Senti uma mão no meu ombro.

Me virei para os dois e dei o meu sorriso mais alegre possível. O homem recuou dois passos, tinha no rosto expressão de terror. Pegou a criança pela mão.

— Vamos, rápido. —E saíram correndo do banheiro.

— Um bom dia para o senhor também! — Eu gritei eufórico. Um homem que estava saindo do banheiro me olhou e balançou a cabeça negativamente ao me ver. Eu sequei as minhas mãos e saí do banheiro quase correndo. Continuei com as mãos no rosto.

*Viva! Viva! Viva! Viva! Está viva! Está viva! Viva!*. Caminhava rápido, quase atropelando as pessoas. *Esteve viva esse tempo... e com outro homem!*. Comecei a correr de leve, mas logo tive que parar, pois um grupo de senhoras idosas estava na minha frente. Uma delas vinha de mãos dadas com uma menininha. A menina olhou para o meu rosto e arregalou os olhos, abriu a boca, me apontou o dedo.

— Vovó, olha ali vovó! —A senhora se virou para mim.

— Moço, o que houve, você está bem? — Disse a senhora.

— Eu estou bem, estou ótimo. Um bom dia para a senhora vovó e para sua netinha.

Passei pelo grupo de senhoras e continuei a correr. O letreiro do supermercado estava mais próximo. *Agora o que eu preciso fazer é uma lista mental das compras do supermercado, para poder voltar para a praça de alimentação o mais rápido possível. Vamos ver, xampu, desodorante, bolachas..., mas não, eu posso entrar lá e ver o que preciso comprar quando passar pelos corredores. Se não souber onde está algo é só perguntar para um dos funcionários. Uma ou duas sacolas de compras, e depois volto correndo para a praça de alimentação*, pensei, e continuei correndo.

No meio do caminho me veio a ideia de que o supermercado estaria lotado demais e não daria para fazer as compras em pouco tempo. Pensando nisso, virei de costas e caminhei para o lado oposto, na direção da praça de alimentação. Eu ainda ria e tinha as mãos no rosto. Virei de costas e caminhei o mais rápido possível para o supermercado, o letreiro estava ainda mais próximo. *Está logo ali, duas sacolas de comprinhas e eu volto, duas sacolinhas, só isso, isso é quase nada, vou no caixa rápido e já volto.* O letreiro estava a poucos metros de distância. A minha risada estava ficando cada vez mais alta, algumas pessoas paravam para me observar. Passava por todos correndo, batendo em bolsas, sacolas, carrinhos de bebê. Bati na roda de uma cadeira eletrônica de uma velha senhora e levei uma bengalada nas pernas.

— Uma boa tarde, vovó. — Eu disse animado.

Ela ainda tentou bater com a bengala na minha cabeça, mas eu desviei tão rápido que ela só atingiu o ar, e ficou me xingando com palavrões. O som da minha risada aumentou ainda mais depois que desviei da bengalada. Aumentou quando passei por um casal, a mulher com um carrinho com dois bebês, o marido com um carrinho de dois andares com três pets. Aumentou ainda mais quando virei à esquerda, pouco antes de entrar no supermercado, e me dirigi para a saída lateral do shopping.

Aumentou quando passei pela porta tão rápido que quase escorreguei no tapete, e saí para o sol de outubro, que não era sol de verão, mas já queimava a cara, a carne, esquentava o sangue. Aumentou quando saí pelo portão do shopping. Quando vi que o sinal estava aberto e os carros haviam parado, tirei as mãos do rosto e comecei a correr para o outro lado. Cheguei do outro lado e continuei correndo.

*Está viva e com saúde, com outro homem no meu lugar. Está curada, e tem uma família...e eu, esse tempo todo vivendo a mesma vidinha estúpida. E pensar que eu a tirei daquela vida para ela ficar com outro homem..., mas não, Deus abençoe essa família, a saúde dela, a felicidade deles. Está viva, Deus abençoe, está viva, Deus abençoe! E onde está a minha*

*sacola com o meu tênis? Esqueci em algum lugar, será que foi no banheiro? Ainda dá tempo de voltar para pegar, mas alguém já deve ter levado a sacola, o shopping está lotado. Mas eu tenho bastante dinheiro, posso comprar outro tênis sem problema, depois é só ir para a praça de alimentação, posso até comprar dois tênis, três, quatro, Deus abençoe!*

Eu corria e, de repente, nem percebi como, parei de rir e comecei a chorar para valer. Minhas pernas se mexiam tão rápido, mas tão devagar, eu queria bater a velocidade do som. *E aquele casal no carro? Se eram eles, era só dar uma batidinha no vidro, que ela virava a cabeça, largava o outro no meio do beijo e seria minha para sempre..., mas isso não importa, já foi, já foi!*

Na minha cabeça passavam milhares de imagens ao mesmo tempo: as noites que passamos juntos, o beijo na clínica, os planos que fiz, as carícias que nunca fizemos, os momentos íntimos que não compartilhamos, a decepção quando tive que esperar dois meses, o destroçamento do meu espírito quando pensei que estava morta. E ao mesmo tempo, passava na minha cabeça a vida que ela levou sem mim, a vida com o outro, os beijos com o outro, as carícias e a intimidade com o outro, e eu levando a mesma vida, sem nunca mudar, sempre o mesmo, sempre travado no mesmo lugar, sem dar passo nenhum numa direção nova, qualquer que fosse ela. *Como posso me insinuar para perto dela se o meu sentimento ainda é o mesmo de cinco anos atrás? Eu passei cinco anos amando uma mulher morta, agora vou deixar de amar por descobrir que está viva? Não, não! É só voltar e ir para a praça de alimentação, ainda dá tempo, ainda dá tempo!*

Eu continuei a correr, havia muitas pessoas correndo e caminhando naquele lado da calçada, então a minha corrida não chamou tanto a atenção de ninguém. Corri o mais rápido que eu podia, para o mais distante do shopping, para o outro lado da cidade, para o longe, para o inalcançável, eu corria, corria, corria...então, senti algo dentro de mim se quebrar de forma definitiva e irreparável.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lidar com algumas memórias expostas neste trabalho foi um desafio.

Em primeiro lugar, continuo sendo introvertido, e não tenho o hábito de me expor para qualquer pessoa. Não posso dizer que isso seja uma forma de sofrimento para mim, já que me acostumei com o meu jeito, mas colocar na página temas tão marcantes na minha vida foi um processo cheio de bloqueios mentais e procrastinação.

Tocar na ferida não é fácil para ninguém. Resisti ao máximo à tentação de colocar nesse trabalho episódios tão importantes e tão reveladores da minha vida, até mudei de tema duas vezes. No fim, assim como não resisti ao impulso de escrever naqueles cadernos ou no google docs, não resisti ao impulso de fazer um trabalho de conclusão com temas que tocaram a minha própria existência.

A ansiedade ainda aparece na minha vida de vez em quando, mas em proporções muito menores, e quando isso acontece, tenho alguns “remédios” para combatê-la: escrita, desenho, histórias e atividades físicas. Todas essas coisas ainda são pilares fundamentais da minha vida.

A leitura de livros se tornou algo essencial para mim nos anos em que estive na faculdade de escrita criativa, e jamais vou esquecer as aulas, as recomendações de livros dos professores, e a biblioteca da PUCRS, que virou um dos meus lugares favoritos no mundo.

Acredito que os temas mais importantes para os escritores sejam aqueles que tocam a sua alma. Não colocar esses temas seria como uma tentativa de anulação da minha própria pessoa. Mesmo correndo o risco de me atrapalhar, acabei colocando nessas páginas um trabalho teórico e criativo que realmente me são caros, mesmo desejando ter sido mais organizado ao longo do processo da sua produção.

Escrever um conto baseado numa novela de Dostoiévski também foi uma atitude que exigiu coragem, pois o russo é de longe meu escritor favorito, e é difícil fazer jus ao gigante no qual me inspirei. Pretendo dar ao conto aqui mostrado um tratamento melhor no futuro próximo.

Os temas apresentados neste trabalho vão continuar sendo temas de estudos por muito tempo, seja através de livros de psicologia, psiquiatria, ou de livros de outros escritores que trataram sobre os mesmos temas. Tudo que estudo acaba por influenciar, sejam livros de história, psicologia ou qualquer outro assunto.

No futuro vou decidir se vou continuar a exploração desses temas no meio acadêmico, mas por enquanto o meu objetivo principal é absorver o máximo de literatura possível, para conhecer aqueles que tiveram a jornada do escritor antes de mim. Dessa forma, espero evoluir cada vez mais, para contribuir com o meu testemunho pessoal da minha jornada única como escritor.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARBOSA Silva, Ana Beatriz. **Mentes ansiosas: O medo e a ansiedade nossos de cada dia.** São Paulo. Editora Principium, 2017.
- BARBOSA Silva, Ana Beatriz. **Mentes Depressivas: As três dimensões da doença do século.** São Paulo. Editora Principium, 2016.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores.** Tradução de Petê Rissati. – 3.ed. – São Paulo. Aleph, 2015.
- TAKIMOTO, Tatsuhiko e OIWA, Kenji. **Bem-vindo à NHK.** Tradução de Drik Sada. Barueri - SP. Panini, 2010.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Noites brancas.** Tradução de Natália Nunes. Porto Alegre, RS. L&PM, 2009.